

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Ana Carolina de Oliveira Costa

Sexualidade e envelhecimento: a demanda de
atualização de crenças e valores

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Ana Carolina de Oliveira Costa

**Sexualidade e envelhecimento: a demanda de
atualização de crenças e valores**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À BANCA EXAMINADORA
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO
DE MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA SOB ORIENTAÇÃO
DA PROFESSORA DOUTORA. ROSANE MANTILLA DE
SOUZA.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora:

Agradecimentos

Ao completar o percurso de elaboração da minha dissertação de mestrado, vejo que, apesar de ter sido, na maioria do tempo, um trabalho solitário, ele contou com a colaboração dos muitos a quem dedico estes agradecimentos.

À Rosane Mantilla de Souza, pela generosidade na transmissão de seus conhecimentos, pelo carinho, sensibilidade e apoio em todos os momentos que precisei; pelo olhar sempre atento, pontual e cuidadoso.

Ao CNPQ, pelo auxílio financeiro.

Aos meus pais queridos, José e Marina, por todo o amor, suporte e por sempre acreditarem em mim.

Aos meus irmãos, Luis Felipe e Cristiana, por todo o aprendizado de vida.

Ao Antonio João, pelo carinho, paciência, amor e compreensão.

À minha grande amiga Dorli Kamkhagi, pelo carinho, pela escuta nos momentos de angústia, pela confiança e incentivo; e por ser a responsável pelo meu interesse pelo tema.

Às minhas amigas Camila Almeida, Gisele, Dani, Sandrinha, Samara, Carol, Elis e Camila Del Papa, pela paciência, pelo companheirismo e pelas risadas quando mais precisei.

Aos meus amigos do mestrado, Juliana, Márcio e Betânia, pela amizade e por conseguirem tornar esse caminho mais leve, compartilhando bons e maus momentos.

À Dida Bessana, por seu olhar atento e competente na revisão do trabalho.

Ao Dr. Luiz Cuschnir, pelo apoio, oportunidade e incentivo para a realização deste trabalho.

A toda equipe do Gender Group do Hospital das Clínicas de São Paulo: Dr. Luiz, Dra. Dorli, Maria Cecília, Vera, Malka, Sabrina, Alessandra e Chris, pelas experiências compartilhadas.

Ao Christophe Blondin e à Alessandra Paterno, por terem acompanhado o trabalho de forma cuidadosa, com apoio e companheirismo. Pela ajuda técnica e pelo suporte nos momentos mais críticos.

Ao Luís Altenfelder, ao José Roberto Wolff e a todo grupo de supervisão, pelo enorme aprendizado, pela generosidade e por todas as ricas discussões de caso e de vida.

A todos, muito obrigada.

Ana Carolina de Oliveira Costa

Agosto de 2008

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o significado da vivência da sexualidade no processo de envelhecimento por meio de uma investigação dos valores e das crenças associadas à vida sexual e de como foram construídas ao longo do tempo. Partindo-se de uma perspectiva de desenvolvimento no ciclo vital, mapeamos aspectos psicobiológicos e posteriormente os aspectos históricos-culturais relacionados ao envelhecimento e à sexualidade. As informações foram obtidas por meio de três sessões temáticas, extraídas de um grupo psicoterapêutico focado nas questões referentes ao envelhecimento. Este grupo era composto por 12 participantes entre 55 e 79 anos e teve duração de um ano. Identificamos que os participantes lidam de maneiras diferentes com a tomada de consciência do envelhecimento, mas a maior parte foi capaz de atualizar seus valores e crenças a respeito do corpo, a partir das próprias experiências individuais. Enquanto que a sexualidade é contextualizada somente dentro do casamento, isso indica a presença de valores agregados à duração do casamento, onde avaliaram a qualidade da relação muito a partir da duração, embora vivam casamentos duradouros que parecem não ter dado conta da questão da satisfação conjugal. Foi possível identificar um conflito entre o desejo de relação de qualidade e a vivência de uma relação insatisfatória, onde não foram capazes de atualizar valores, crenças e o próprio relacionamento.

Palavras-Chave: sexualidade, envelhecimento, crenças, valores.

Abstract

This research's goal is to understand the significance of the experience of the sexuality during the aging process through an investigation of the values and beliefs linked to the sexual life and how they were built along the years. Starting from a perspective of development of the vital cycle, we established psychobiological aspects and later the historic and cultural aspects concerning aging and sexuality. The amount of information was gathered during three sessions focusing on the theme, obtained from a psycho therapeutic group with main focus on questions pertaining aging. This group had 12 participants with ages between 55 and 79 years old and the sessions lasted for a year. We could identify that the participants deal differently with the consciousness of the aging process but the majority of them was able to reshape their values and beliefs concerning the body through their own individual experiences. While sexuality is taken in context only within the bounds of marriage it shows the presence of aggregated values of the marriage duration, where the quality of the relation is related mostly concerning the duration or even if they had lasting unions they were less concerned with the focus on conjugal satisfaction. It was possible to identify a conflict between the wish to attain a quality relation and the experience of an unsatisfactory relation, where they were not able to reshape values and beliefs and the relation itself.

Key words: sexuality, ageing, values, beliefs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
Desenvolvimento Adulto e Processo de Envelhecimento.....	13
CAPÍTULO II	
As Crenças sobre o Envelhecimento.....	25
CAPÍTULO III	
Sexualidade: Contextos e Desenvolvimentos.....	35
Indicações sobre a história da sexualidade e casamento.....	36
O século XX.....	45
Casamentos com satisfação conjugal.....	47
Casamento ao longo do ciclo vital.....	51
CAPÍTULO IV	
Método.....	56
Participantes.....	57
Procedimento.....	58
Análise dos Resultados.....	60
CAPÍTULO V	
Resultados e discussão.....	61
1-Concepção de Envelhecimento.....	62
2-Perdas e Ganhos.....	64
3-E depois de amanhã?.....	70
4-Valores Transmitidos pela família acerca da sexualidade:.....	74
algumas diferenças de gênero	
5-Valores em Transição.....	78
5.1- Anos 50- Figura 1.....	79

5.2- Anos 60- Figura 2.....	80
5.3- “Jovens casando”- Figura 3.....	82
5.4- “Casados há 40 anos”- Figura 4.....	84
5.5- “Ficantes”- Figura 5.....	86
6- O masculino e o feminino nos relacionamentos.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXOS.....	108

Introdução

O interesse em desenvolver este trabalho surgiu a partir da experiência pessoal e, posteriormente, da profissional, por meio dos atendimentos clínicos com os quais deparei. Explico melhor: as pessoas idosas sempre chamaram a atenção em minha história de vida, pela calma, sabedoria, conhecimento, inteligência, beleza, evolução e capacidade criativa.

Talvez nem todos os idosos sejam como os que passaram pelo meu caminho, mas o sentimento de admiração pelos mais velhos, que cultivo há tempos, foi reafirmado constantemente pelas pessoas com as quais convivi e convivo até hoje. Frases preconceituosas e socialmente carregadas de estigma, como: “Esse aí não serve pra mais nada”, “Imagina, minha mãe não tem relações sexuais há tempos”, “Ah, pro meu avô qualquer coisa serve, é só pra passar o tempo, coitado...”, entre tantas outras, me causam estranhamento, pois em minha trajetória de vida, tive a oportunidade de estar com pessoas mais velhas muito ativas, sujeitos com sede de saber e desejantes de vida, que se encontram, muitas vezes, em sua fase mais gratificante, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional.

Em 2002, recebi um convite para participar de *Grupos de Amadurecimento* (com pessoas acima de 55 anos) no Serviço de Psicoterapia do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, no qual tive a oportunidade de acompanhar, na condição de co-terapeuta, quatro grupos de apoio sobre o processo de envelhecimento, com duração de um ano cada um (entre 2002 e 2007). Esse atendimento auxiliou a confirmar a impressão sobre as pessoas mais velhas como

seres desejantes, ativos, e que planejam o futuro, e pude perceber isso mesmo em membros desses grupos que apresentavam sintomas depressivos.

Durante o desenvolvimento desses encontros de grupo, realizados semanalmente os quais propiciavam o espaço para a emergência de questões referentes ao processo de envelhecimento, um dos temas que chamaram mais a atenção foi o da sexualidade e de como a viviam de diferentes maneiras. Os fragmentos das sessões sobre conflitos e desejos sexuais dos membros desses grupos eram vastos, como: questionamentos sobre a frequência e o desejo no relacionamento amoroso, diferenças entre homens e mulheres em relação à vivência da sexualidade, a importância ou não de um parceiro para o exercício de uma vida sexual satisfatória e, atividades cotidianas que geram prazer e podem suprir, de certa forma, a ausência de vida sexual ativa.

Essa experiência clínica foi um desafio, pois fui obrigada a rever minha visão de mundo e idéias acerca da sexualidade nessa fase da vida: como começar a pensar em envelhecimento e sexualidade sendo jovem? Como ouvir e transformar questionamentos como: “Você tão jovem trabalhando com envelhecimento? Que idéia mais estranha...”. Mas esses questionamentos auxiliaram a pensar o porquê do despertar para essa temática. Por meio de várias reflexões e também pela análise pessoal, percebemos que seria necessário explorar caminhos ainda desconhecidos e, o mais curioso, a primeira lembrança que emergiu foi o medo e a angústia de envelhecer que eu tinha desde pequena. Assim, a aproximação com o tema, nesse momento, começou a fazer cada vez mais sentido. Pela memória transitavam pensamentos como: “Vou crescer, casar, ter filhos, trabalhar, me desenvolver, os filhos vão sair de casa e o que será de mim? O que restará? Quais serão minhas atividades e meus desejos nessa fase? Estarei com alguém?”.

Com base nessa experiência de vida, fui “convidada” a conhecer os fantasmas acerca do meu próprio envelhecimento, fato que certamente me auxiliou a desenvolver uma atitude empática diante das angústias dos pacientes dessa faixa etária (50 a 65 anos), mesmo sendo mais jovem do que eles. A emergência desses conteúdos despertou de imediato a curiosidade de investigar mais profundamente o tema para a realização desta pesquisa, associada à oportunidade de trabalho clínico que surgiu em minha trajetória profissional. Tornou-se uma experiência sedutora poder enveredar por caminhos ainda tão pouco explorados pela Psicologia de forma geral. A escuta das questões relacionadas à sexualidade no envelhecimento não poderiam ser entendidas de maneira isolada. Percebemos a necessidade de um outro olhar que buscava compreender a complexidade do fenômeno, principalmente relativo à como os valores associados à vida sexual haviam sido construídos ao longo do tempo e influenciaram o presente.

Atualmente, podemos perceber um aumento significativo da população adulta e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), o Brasil deixou de ser considerado um país “jovem”. Alguns dados e projeções do IBGE (2006) nos mostram a dimensão da transformação demográfica que estamos atravessando: de 2007 a 2050, o número de brasileiros com mais de 50 anos deve aumentar, aproximadamente, em 50 milhões, ao passo que a faixa total de indivíduos entre 15 e 65 anos deve aumentar somente em 27 milhões. Logo, a idade média dos brasileiros deve passar dos atuais 25 anos para 40 anos, uma mudança importante e que nos traz, conseqüentemente, a necessidade de uma reflexão acerca do desenvolvimento adulto no ciclo vital, sobretudo no que se refere a como os indivíduos estão vivenciando o processo de envelhecimento. Para

exemplificar podemos dizer que, se a imagem que se tinha de uma pessoa idosa há setenta anos era a de alguém em torno dos 50 anos, essa percepção parece não fazer sentido para a maioria da população atual.

Sayão (2007), em recente artigo escrito na *Folha de S. Paulo* revela que a população tem ofertado aos jovens, em contrapartida, uma visão de mundo na qual o envelhecimento é desvalorizado e não pode estar em “cena”, como se todos os adultos fossem jovens e o envelhecimento fosse “algo” que chega repentinamente, praticamente como um “susto ruim”. Segundo a colunista, esse fenômeno tem-se mostrado cada vez mais comum atualmente, mesmo com a expectativa de vida cada dia maior, fato que já ocorre nas últimas décadas. De acordo com a autora, “conviver com a terceira ou quarta geração, já não é uma dádiva para poucos, e sim uma possibilidade real para muitos” (p.12).

Não temos mais como ignorar essa nova realidade que se apresenta. É necessário que estejamos atentos a essa questão, já que, certamente, será um dos principais temas de atenção pública e privada nos anos que estão por vir: por exemplo, a população que “produz”, daqui a alguns anos, será um número menor do que os “dependentes” (crianças e aposentados). Esse fato é alarmante do ponto de vista político e social, à medida que existe e existirá ainda mais, uma faixa etária considerável da população acima dos 50 anos, faixa essa muito específica em termos de saúde, cuidado, aposentadoria, produção e diversas modificações de papéis de forma geral (Conselho Federal de Psicologia, 2007).

Desde 1950 tem emergido, com cada vez mais força, o estudo do envelhecimento associado à Gerontologia, ciência que estuda esse processo. Ela cuida da personalidade e da conduta dos idosos, levando em conta todos os aspectos ambientais e culturais do envelhecimento e não somente os fatores físicos

(Famema, 2007). Já do ponto de vista da Psicologia, a chegada à meia- idade, das amostras dos grandes estudos longitudinais sobre o desenvolvimento, redundou no questionamento do significado dos “anos formadores” e identificou os desafios específicos dos indivíduos na idade adulta e ao longo do envelhecimento, o que discutiremos no Capítulo II (Papalia, 2006 e Hamilton, 2002). Em contrapartida, o prolongamento do ciclo vital gera uma ampliação da vida adulta na qual divisões etárias anteriores como infância, adolescência, maturidade e velhice passam a ser revistas.

Os grandes manuais de desenvolvimento (Papalia, 2006 e Bee & Mitchell, 1984) apresentam várias subdivisões como adulto jovem, adulto, jovem idoso etc; e cada vez mais novas subdivisões emergem. Há pouca concordância com os termos, mas aumenta constantemente o interesse pelos anos intermediários que, correta ou incorretamente, começam a ser chamados de *envelhescência*¹. Por exemplo, os meios de comunicação de massa produzem atualmente muitas informações que fazem referência ao tema, como o escritor Mário Prata, que já escreveu alguns textos a respeito do termo *envelhescente*. Embora nessas publicações muitos se refiram a semelhanças com a adolescência, o processo psicológico em questão é específico, conforme discutiremos nos parágrafos seguintes.

Há vários modelos de desenvolvimento, alguns voltados mais para o intrapsíquico, como a Psicanálise, sendo o grande representante Freud, entre outros autores importantes, que acreditava que a personalidade do indivíduo formava-se nos primeiros anos de vida, no chamado desenvolvimento psicosssexual. Já outros modelos, cujos dois de seus principais representantes são

¹ Utilizando a palavra envelhescência no site de procura Google, obtivemos 519 referências, e com a palavra envelhescente, foram encontradas 999 referências.

Baltes e Bronfenbrenner (Papalia, 2006), estão mais voltados para uma abordagem contextual, ou seja, acreditam que o desenvolvimento do sujeito depende de uma série de fatores e é contínuo ao longo do ciclo vital. . Neste trabalho, a abordagem de escolha será contextual, ou seja, iremos nos basear mais especificamente, em Baltes. Segundo a perspectiva do autor, o desenvolvimento do indivíduo só pode ser entendido em seu contexto social. Esse estudioso encara o indivíduo não como uma parte que interage constantemente com o ambiente, mas sim como parte inseparável dele (p.79).

Concebendo, então, o desenvolvimento ao longo de todo o ciclo vital, Baltes (1980) afirma que “o desenvolvimento é um processo multidirecional e multifuncional, sendo influenciado pelo contexto histórico, abrangendo todo o curso de vida, no qual ocorre um constante desequilíbrio entre perdas e ganhos, que resulta numa variabilidade interindividual e em plasticidade individual” (p.80). Portanto, o desenvolvimento é um processo vitalício influenciado por eventos normativos a cada faixa etária, eventos normativos que estão relacionados à história, e também por eventos não normativos, que dependem diretamente de seus desejos (Baltes, 1987). No que se refere aos anos intermediários da vida adulta (dos 45 aos 65 anos), começa-se a perceber uma série de mudanças, entre as quais: mudanças físicas, sociais, históricas, psicológicas e sexuais.

Um dos temas acerca do qual converge o confronto do indivíduo com seu próprio envelhecimento refere-se às mudanças quanto à sexualidade, porque traduzem um cruzamento entre a concepção que o indivíduo traz de seu passado, do que ele tem como idéia de envelhecimento e vida sexual, e o conceito que ele deve manter e que já fora preestabelecido ao longo de seu desenvolvimento. O sujeito depara com essas diferentes imagens que construiu ao longo de sua vida, e

essa percepção influencia seus relacionamentos e, em consequência, sua vida sexual.

Com relação às mudanças na sexualidade, a alteração física central que ocorre na mulher diz respeito à menopausa, período no qual ela perde sua capacidade reprodutiva (sintomas como calores, secura vaginal, disfunção urinária e alterações psicológicas são comuns nessa fase) e no homem acontece, concomitantemente, a discutível andropausa, período em que, diminui a fertilidade, o nível de testosterona se reduz e as ereções, de forma geral, tendem a ser mais lentas e menos firmes, de modo que a maioria dos homens apresenta algum grau de disfunção erétil. Papalia (2006) considera que existe uma polêmica em torno dessa fase, na qual refere que há uma possível diminuição do desejo sexual e conseqüentes mudanças associadas à relação corpo-sexualidade. Porém, outros estudos não corroboram essa idéia (Weg, 1989) afirmando que, apesar das perdas reprodutivas em ambos os sexos, o desejo e o prazer sexual podem continuar por toda a vida.

No domínio da vida sexual ativa e da qualidade de vida, tem-se discutido que, tendo em vista o avanço da medicina e de atitudes mais liberais das pessoas, a sexualidade ativa pode ser parte fundamental desse período. Pesquisa de King (1996) descreve que as relações sexuais diminuem nesse período da vida, de forma gradual, sendo que diversas vezes, as causas dessa redução não são fisiológicas, mas, sim, emocionais ou relacionadas ao estilo de vida. Laumann, Paik e Rosen (1999), por outro lado, argumentam que é após a menopausa e a andropausa que as pessoas sentem-se mais livres para ter relações sexuais com mais prazer, já que não têm mais preocupações com a gravidez e, em geral, também têm mais tempo para se dedicar inteiramente a seu parceiro, quando este existe. Além dos fatores

apresentados, a maturidade faz, de forma geral, que as pessoas conheçam melhor seu corpo e suas necessidades, conseguindo respeitar mais o tempo do parceiro e o seu próprio tempo, e permitem-se experimentar outras formas de sexualidade além da genital, fruto da intimidade e do amadurecimento do casal (Papalia, 2006).

Diante desse panorama, torna-se importante também uma reflexão de que nem todas as pessoas têm parceiro ou parceiro fixo. Há um fenômeno, à medida que se envelhece, por causa de um desequilíbrio de gêneros, que chamamos de “pirâmide invertida da solidão feminina” (Paschoal, 2006), em que diminui de forma significativa o número de homens disponíveis para um relacionamento. Por exemplo, em 1999, para cada grupo de 100 mulheres idosas, havia 84 homens idosos; na faixa etária dos 60 aos 64 anos, a razão de sexos era 89 homens para 100 mulheres e, na faixa de 80 ou mais, essa mesma razão descia para 68 homens para 100 mulheres (IBGE, 2006). As possibilidades restringem-se ainda mais no caso das mulheres heterossexuais, pois, além de os homens serem em menor número, aqueles que se separam não permanecem sozinhos por muito tempo, costumando casar novamente ou manter relacionamento fixo de forma rápida. Além disso, outro fato que contribui para a falta de parceiro sexual para a mulher na velhice é a concorrência não só de mulheres da mesma idade, mas também de mulheres mais jovens. Já as mulheres, em sua maioria, tendem a escolher parceiros da mesma idade ou mais velhos que elas, fato que contribui para a permanência da falta de parceiro nessa faixa etária (Paschoal, 2006). Podemos dizer então, partindo de nossa experiência nos *Grupos de Amadurecimento* e da literatura (Paschoal, 2006), que uma das principais questões no envelhecimento, principalmente para as mulheres, é a falta de um parceiro(a), o que, por muitas vezes, dificulta o exercício do ato sexual e, por isso, esse aspecto não pode ser

negligenciado pelos pesquisadores do tema. É importante pensar se existe ou não abertura para a busca de outras possibilidades e formas de prazer que não sejam voltadas, única e exclusivamente, para a genitalidade ou dependentes diretamente de um parceiro (a) para que possam ocorrer.

O bom desenvolvimento do relacionamento sexual e afetivo também sofre influência direta da auto-estima de cada indivíduo, de como ele avalia sua aparência e atratividade. No que se refere a essa temática, os meios de comunicação de massa e os padrões atuais de beleza tendem a, desesperadamente, tentar que os sinais de envelhecimento naturais, tais como rugas, celulite, flacidez da pele, entre outros, não apareçam. Sayão (2007) em recente artigo publicado, concorda com essa tendência e revela que a população tende a buscar que os sinais do envelhecimento sejam ocultados e, quando não são, “é preciso ter um motivo muito importante para tal” (p.12). Afirma também que a busca da eliminação dos sinais do envelhecimento gradual e contínuo pode auxiliar a transmissão da falsa idéia aos mais jovens de que podemos manipular e controlar a passagem do tempo, ou ainda, reforçar a crença de que a juventude é eterna. Esse fato se evidencia pelo aumento da procura de tratamentos clínicos e cirúrgicos que têm como objetivo manter a pele e o corpo sempre jovens, para continuar sendo objeto de desejo. Essa busca pela “eterna juventude” é um movimento que cresce entre as mulheres quanto entre os homens (Gullette, 1998). Para Macedo e Kublikowski (2000), torna-se muito difícil escapar desse ciclo que se forma e se alimenta por meio das constantes “novidades científicas” que “reafirmam os estereótipos sociais e acabam por perpetuar a discriminação e as desigualdades na sociedade” (p.20). Assim, o significado do corpo envelhecendo tende a ser relacionado à solidão e, por muitas vezes, à falta de perspectiva. Mas, considerando uma perspectiva de

envelhecimento com qualidade (Baltes, 1987), devemos reconhecer que o processo pode ser vivenciado de diversas maneiras, pois, além de evidenciar uma crise, trata-se também de uma grande possibilidade de reavaliação e renovação mediante novos projetos de vida. Por meio da interpretação das mudanças biológicas associadas aos fatores ambientais e socioculturais é que poderemos visualizar a capacidade de mudança de cada indivíduo, de como irá proceder à ressignificação de velhas verdades.

Essa população em especial à qual estamos nos referindo neste trabalho, é a população que viveu a juventude nos anos 70, período em que houve uma significativa mudança nos valores vigentes, principalmente no que se refere à sexualidade ativa das mulheres. Torna-se importante, então, saber se essas pessoas atualizaram os valores de sua infância e juventude às novas demandas que surgiram, ou não. Essa população que começa a envelhecer é, concomitantemente, autora e vítima do prolongamento do ciclo vital que ocorre atualmente; além disso, não se pode esquecer que esses indivíduos vêm acompanhados de valores e discussões inerciais relativas à construção do que foram desde a juventude até o período atual.

O conhecimento mais aprofundado das crenças e dos valores que foram construídos ao longo do tempo, e o que determinam para cada sujeito são importantes uma vez que auxiliam a investigação sobre as possíveis mudanças psicológicas que o indivíduo será capaz de realizar, até mesmo com relação à sua própria vida sexual (Gonzalez e Desfilis, 1996).

O atendimento dos *Grupos de Amadurecimento* (2002 a 2007), permitiu que surgisse, constantemente, a idéia de que manter uma vida sexual ativa e de qualidade significa enfrentar e desconstruir preconceitos acerca do processo de

envelhecimento, sobretudo no que diz respeito à associação de que a sexualidade ativa está estritamente relacionada à reprodução/juventude. Com o atendimento dos grupos desde 2002, percebemos o quanto esses indivíduos têm uma perspectiva estreita com relação à vivência do relacionamento sexual, em geral vinculada única e exclusivamente ao casamento, visão essa carregada de preconceitos e valores que foram sendo construídos ao longo do tempo. Por essa percepção, considerou-se importante compreender a vida sexual no contexto dos valores e das crenças construídos pelo sujeito em toda sua vida e os quais sustentam as práticas sexuais de hoje.

Com base nas particularidades descritas acima, é importante que possamos criar e desenvolver estruturas e conhecimentos que permitam a promoção de saúde para essa faixa etária. Nesse panorama, o presente trabalho pretende contribuir para a compreensão do significado da experiência da sexualidade no processo de envelhecimento, investigando:

- as diferentes experiências de vida sexual e de valores associados a ela, buscando compreender como estes foram construídos ao longo do tempo e
- as diferenças de gênero com relação à vivência sexual no processo de envelhecimento.

Para que essa análise possa ser feita de maneira complexa, abordaremos no primeiro capítulo o desenvolvimento adulto e o processo de envelhecimento (perspectiva psicobiológica). Esse capítulo nos auxiliará na reflexão sobre a velhice como um processo que se inicia desde nosso nascimento, ou seja, no entendimento dessa fase da vida como uma constante transformação; esse capítulo também nos trará questões específicas e transformações que ocorrem com o sujeito que

envelhece. São mudanças físicas, biológicas, psicológicas e relacionais. Iremos abranger conceitos, pesquisas e estudo encontrados, sendo a maioria com base nas abordagens contextuais, com ênfase nos estudos de Baltes, já que este mostrou ser um dos autores que mais desenvolveram estudos sobre o tema, fato que pudemos identificar em nossa pesquisa bibliográfica. O segundo capítulo tratará, de forma específica, das crenças relacionadas ao processo de envelhecimento, bem como tentaremos compreender como os valores e as crenças influenciam o desenvolvimento do sujeito. No terceiro capítulo, será feita, primeiramente, uma contextualização histórica sobre a sexualidade, para, posteriormente, descrevermos aspectos associados à satisfação na conjugalidade e como esta se modifica ao longo do ciclo vital do indivíduo.

No quarto capítulo, descreveremos a forma como este trabalho foi realizado, isto é, o método. Descreveremos os participantes desse estudo e os procedimentos utilizados. E, no quinto capítulo, analisaremos os resultados, correlacionando conceitos teóricos com o material clínico coletado. Após esse panorama, terminaremos com as considerações finais.

Capítulo I

Desenvolvimento Adulto e Processo de Envelhecimento

A chegada do envelhecimento deveria ser um processo natural...acho que é possível envelhecer e continuar tendo macaquinhos no sótão...
Ziraldo

Nosso objetivo neste capítulo é descrever as mudanças regulares e esperadas para esse período do ciclo vital, sendo elas mudanças físicas, biológicas, psicológicas e relacionais. Entendemos que é importante ter o conhecimento desse panorama que o indivíduo vive para, posteriormente, compreender a subjetividade com relação a valores e crenças sobre envelhecimento e sobre sexualidade construídos ao longo do tempo, assunto do qual trataremos no Capítulo II e III.

Em uma perspectiva contextual, atualmente os estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento concordam que o desenvolvimento do indivíduo acontece durante todo seu ciclo vital, esteja ele na infância, na adolescência, na idade adulta ou na velhice. Sob esse aspecto, para estes autores (Baltes, 1987; Lindenberger e Staudinger, 1998), o avanço da idade não é necessariamente sinônimo de diminuição da capacidade de se desenvolver como pessoa, mas, ao contrário, acreditam que o envelhecimento pode ser muito produtivo se o sujeito for capaz de algumas modificações em seu antigo modo de vida (Papalia, 2006). Por exemplo: Baltes (1991) delimita o conceito de um envelhecimento bem-sucedido e trata de um processo adaptativo chamado de otimização seletiva com compensação, que significa que na fase adulta da vida, o indivíduo deverá selecionar metas e objetivos mais importantes, otimizando seus recursos para compensar as perdas que vão ocorrendo. Essa visão teórica de Baltes (1991) enfatiza as transições e as trajetórias da vida, ou seja, leva em consideração a seqüência de eventos e decisões

e suas respectivas conexões com outras trajetórias, sejam elas psicológicas, sociais, históricas ou intergeracionais; e diz ainda que são influenciadas também pelas experiências passadas e pelas expectativas futuras, com ênfase na mudança comportamental do sujeito e não no que “se espera” de cada faixa etária. Para nos auxiliar, Baltes (1987) identifica quatro pilares fundamentais para uma perspectiva de um desenvolvimento do ciclo vital:

-O desenvolvimento é vitalício: ou seja, cada época da vida tem suas funções e especificidades, que dependerão diretamente das experiências passadas e futuras. Não há melhor momento da vida, cada um deles tem seu valor e é incomparável a qualquer outro.

-O desenvolvimento depende da história e do contexto: cada sujeito desenvolve-se em um lugar específico e com família e pessoas que o cercam também diferentes. Esses aspectos o influenciam sempre, bem como o ambiente também é modificado por ele; ambos se retroalimentam e interagem constantemente, provocando modificações.

-O desenvolvimento é multidimensional e multidirecional: durante toda a vida, estamos perdendo algumas coisas para ganhar outras. Portanto, fazer escolhas que tragam equilíbrio para o desenvolvimento torna-se muito importante. Esses movimentos se modificam ao longo da vida, dependendo da etapa do ciclo vital em que o indivíduo se encontra e, do que ele irá priorizar em cada fase.

-O desenvolvimento é flexível ou plástico: plasticidade é a capacidade de modificação do desempenho que o indivíduo apresenta e é essencial para um bom desenvolvimento.

No que se refere aos anos intermediários da vida adulta (dos 45 aos 65 anos), é importante buscarmos primeiro um panorama de eventos normativos,

para, posteriormente os correlacionarmos com as circunstâncias histórico-culturais e as experiências subjetivas de cada sujeito. Nessa fase do desenvolvimento adulto, o indivíduo começa a deparar com mudanças psicobiológicas e psicossociais específicas que devem ser mais bem compreendidas.

Com relação ao físico, há algumas particularidades nessa fase como em outra qualquer. A maioria tem como lema “usar ou perder”. As mudanças fisiológicas são frutos do envelhecimento celular associado à constituição genética, mas o acúmulo de fatores comportamentais e do estilo de vida desde a infância influenciam diretamente o grau e a qualidade de vida. A expressão “a pessoa é fruto daquilo que plantou” é bastante utilizada para exemplificar esse produto e seus derivados (Papalia, 2006).

Do ponto de vista do funcionamento sensório-motor, as mudanças ainda são pequenas, graduais e quase imperceptíveis. Como exemplo, podemos mencionar aquele dia em que a pessoa percebe que não enxerga com a mesma nitidez de antes (a perda da visão “natural da idade”), entre tantas outras pequenas perdas. Alguns começam a apresentar pequena perda auditiva, em virtude da exposição a ruídos e barulho nas cidades durante muitos anos. É possível perceber também um início de perda gustativa, olfativa, tátil e na sensibilidade à dor; deve-se lembrar sempre que a variabilidade desses quadros é diretamente proporcional ao estilo de vida e às características genéticas de cada indivíduo (Papalia, 2006). Outra perda importante é a da força e coordenação, fato que pode ser explicado em razão de um aumento do percentual de gordura e da conseqüente diminuição da massa muscular, embora, esse quadro também possa ser amenizado pela prática constante de exercícios físicos e de uma dieta balanceada associada a eles.

A pele nessa idade pode tornar-se menos tesa e lisa e os cabelos tendem a ficar mais ralos devido à menor taxa de substituição, e brancos, pela diminuição da produção da melanina no corpo. Os indivíduos também passam a ganhar peso com mais facilidade, pelo acúmulo de gordura no corpo e alguns podem ter a altura reduzida por causa das contrações da coluna. É bastante comum a perda óssea, sobretudo nas mulheres, ocorrendo entre estas duas vezes mais depressa do que nos homens. Já o funcionamento dos órgãos, em geral, não apresenta perdas significativas, mas dependendo do caso, podem ocorrer prejuízos maiores por conta de algum quadro clínico específico. Podemos dizer também que a regulação da temperatura e a imunidade tendem a diminuir e o sono pode tornar-se menos profundo (Papalia, 2006). Por todas essas características apresentadas, o vigor físico, de maneira geral, diminui em algum grau.

Segundo Kamkhagi (2007), o envelhecimento nos torna mais vulneráveis a algumas doenças, pois há, a partir do avanço dos anos, uma diminuição natural e esperada da adaptabilidade do sistema imunológico, fato que aponta, normalmente, para uma correlação entre envelhecer e adoecer, que não deve ser levada ao “pé da letra”. De acordo com Kamkhagi (2007), devemos ser capazes de diferenciar as perdas naturais do envelhecimento da noção e do conceito de doença, o que nem sempre é tarefa simples de ser realizada. Ou seja, envelhecer aumenta a probabilidade de adoecimento, mas envelhecimento não é sinônimo de processo de adoecimento.

Outro fator importante que influencia o sujeito é o estresse, seja advindo de problemas no trabalho (sobrecarga e desemprego, entre outros), seja da variabilidade de problemas físicos, de relacionamento e psicológicos. O estresse constante pode levar a um esgotamento (síndrome de exaustão emocional-

sensação de incapacidade e perda de controle). A forma de lidar com tais situações depende diretamente dos recursos de enfrentamento de cada indivíduo (Papalia, 2006).

A literatura esclarece que, na maior parte do tempo, o indivíduo que envelhece lida melhor com situações estressantes do que o jovem, pois tende a selecionar metas objetivas e não se deixa influenciar por questões que, por qualquer motivo, não interessam a ele (Papalia, 2006). Esse fato pode ser explicado pelo conceito de Baltes (1987) sobre a otimização seletiva por compensação, uma vez que os adultos mais velhos tornam-se mais flexíveis na seleção de recursos de enfrentamento e, por isso, conseguem mais facilmente otimizar o bem-estar e a qualidade de vida diante de problemas estressantes ou de difícil resolução (Papalia, 2006).

No que diz respeito às capacidades cognitivas, a inteligência chamada de cristalizada, que é a capacidade de recordar e de utilizar informações adquiridas ao longo da vida, tende a melhorar bastante, e pode perdurar até o fim da vida, ao passo que a inteligência fluida, ou a capacidade de aplicar as faculdades mentais a novos problemas que exigem pouco ou nenhum conhecimento prévio, tende a diminuir com a idade, pois é determinada pela condição neurológica do sujeito (Horn e Hofer, 1992).

Nessa fase do ciclo vital são evidentes as vantagens do ponto de vista cognitivo. Exemplo disso são as características do pensamento pós-formal, que impera nesse período: ele tem uma natureza que integra a lógica à intuição e à emoção, bem como integra novos fatos e idéias ao que os indivíduos já conhecem e lidam bem com situações conflitantes. Esse tipo de pensamento faz que os adultos tenham mais facilidade na resolução prática de problemas, pelo amadurecimento

de idéias e pela elaboração constante de emoções ao longo dos anos (Papalia, 2006).

Já a capacidade criativa normalmente cresce com o passar dos anos, pois depende dos aspectos experienciais da inteligência cristalizada, e sofre influência direta de fatores individuais, bem como das forças ambientais. Porém, o desempenho criativo e também da inteligência (que estão interligados) devem ser constantemente “alimentados”, para que o sujeito possa obter os benefícios cognitivos da maturidade. A não utilização dessas capacidades tende a ser acompanhada de um declínio cognitivo, além do neurológico já esperado (Papalia, 2006).

Da perspectiva do desenvolvimento psicossocial os autores têm formas diversas de ler o fenômeno. Mas, o que a maioria dos estudos tem em comum é a idéia de que é necessária a investigação da trajetória de vida do indivíduo como um todo, pois as mudanças nos papéis e nos relacionamentos influenciam diretamente a construção contínua da identidade durante toda a vida. Tanto as modificações individuais quanto as ambientais são importantes durante esse processo: são interdependentes (Bee e Mitchel, 1984).

O indivíduo é levado a rever diversos conceitos de relação que estabeleceu durante sua vida. Partindo da introspecção, o sujeito repensa sua idéia de casamento, divórcio, relação com os filhos adultos, relacionamento com os pais idosos e carreira, entre outros. A importância dessa reflexão reside no fato de que a pessoa irá reavaliar seus conceitos preestabelecidos para poder criar novos papéis e rearranjar os antigos, buscando novas possibilidades de relacionamento, como: tornar-se avô, perder ou ganhar um trabalho, aposentar-se, relação com o cônjuge etc (Papalia, 2006; Bee e Mitchel, 1984).

A questão da transmissão de legados nessa fase da vida também é um novo arranjo fundamental: o indivíduo demanda por contribuir com algo, ou seja, surge a necessidade de devolver à humanidade, à família ou até à natureza algo do que ela recebeu de positivo ao longo da vida, levando o sujeito a oferecer sua experiência a causas, trabalhos voluntários e realizar doações, entre outras possibilidades de contribuição à sociedade. O sujeito deseja nesse momento de vida, em que há mais tempo livre, transmitir seu conhecimento e sabedoria a outras pessoas, para ter a consciência de que algo dele permaneceu no mundo (Kamkhagi, 2007).

Torna-se importante nesse momento ressaltar que, alguns papéis simplesmente se impõem na vida do indivíduo, como, tornar-se avô, fato que não foi uma decisão ou escolha do sujeito. Porém o indivíduo diante dessa nova realidade que se apresenta tem a escolha de determinar que tipo de avô ele pretende ser e de como irá desempenhar esse papel que lhe foi estabelecido.

Todos os autores revistos e já citados concordam que, nesse contexto de reavaliação da vida, um dos aspectos mais centrais no que diz respeito às mudanças são os relacionamentos interpessoais. Nesse período, como em qualquer outro do desenvolvimento, a manutenção de vínculos de companheirismo, amizade e amorosos faz parte da formação da identidade da pessoa e também ajuda a fortalecer sua auto-estima. Uma particularidade na fase adulta, é que as pessoas, normalmente, tornam-se bem mais seletivas, preferem ter vínculos de qualidade, pois sentem necessidade de otimizar seu tempo, ou seja, privilegiam a qualidade, e não a quantidade.

Nesse panorama complexo dos relacionamentos interpessoais, o indivíduo realiza uma reflexão acerca de seu corpo que envelhece e depara com uma nova imagem no espelho, e busca seus limites e também suas possibilidades. A nova

imagem corporal que surge nessa fase da vida, incide diretamente sobre como o indivíduo se vê, ou seja, uma vez que reflete se é, nesse momento, alguém desejável ou não para o outro. Portanto, a tomada de consciência desse novo corpo, terá influência importante na forma como o sujeito irá vivenciar sua sexualidade. Podemos verificar que há um “estranhamento” corporal, não só do ponto de vista psicológico, mas também no sentido da auto-imagem. Começam a surgir questionamentos sobre como se ajustar ao novo corpo que se modificou tão abruptamente num período curto de tempo, como: algumas atividades cotidianas já não podem ser exercidas da mesma maneira de antes (ritmo e intensidade), as roupas já não servem mais, bem como não têm o mesmo caimento de outrora, o corpo fica, em geral, mais lento e mais pesado, e como lidar com a nova realidade que se impõe? Como é essa adaptabilidade ao novo corpo?

Diretamente associada à percepção do corpo que envelhece, a ciência médica tende a valorizar a interrupção de qualquer sinal que indique envelhecimento, enfatizando só os aspectos biológicos e as perdas que se tem com o passar dos anos (Macedo e Kublikowski, 2000). A tecnologia e a medicina estética tendem a mostrar que o tempo deve ser “interrompido” no que diz respeito à pele, ao cabelo e ao corpo, cujo significado alia saúde e beleza a um modelo jovem. Logo, “os sinais de envelhecimento tornam-se estigmatizantes e transformam-se em um problema moral, pois é como se fossem resultado de um estilo de vida inadequado” (Macedo e Kublikowski, 2000).

No que diz respeito aos aspectos que influenciam a sexualidade, para as mulheres, a chegada à menopausa, que *é o marco referencial do climatério, e trata-se de um período longo e heterogêneo, que marca a transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva* (Fleury, 2004). É definida como “a última menstruação e

confirmada pela ausência do período menstrual por 12 meses consecutivos. A menopausa ocorre geralmente por volta dos 50 anos” (Fleury, 2004, p.89-90). Trata-se de um período bastante delicado quando se refere à sexualidade, já que as mulheres perdem a fertilidade, fato que pode gerar fragilidade, sentimentos de menos valia, inferioridade e até sensações de inutilidade; é bastante comum a perda parcial da elasticidade e da lubrificação vaginal; diversos estudos (Ciornai, 1999; Kamkhagi, 2007; Fleury, 2004) apontam para uma diminuição do desejo sexual, muitas vezes conseqüente da baixa auto-estima da mulher, que se sente menos atraente e não desejável, pois em geral chegam a engordar nesse período; há também um aumento da propensão a miomas, nódulos nas mamas, infecções do trato urinário, fato que pode afetar a confiança e o conforto sexual da mulher, levando a uma diminuição da libido; mudanças na pele; distúrbios do sono e insônia, irritabilidade, depressão, ansiedade e osteoporose, entre outras alterações (Bento, Gonçalves e Prizmic, 2007). Segundo Lorenzi e Saciloto (2006), algumas mulheres sentem a chegada da menopausa como uma perda do objetivo primeiro do sexo: a reprodução. Essa percepção, segundo eles, pode afetar em grande escala o exercício da sexualidade, pois vem acompanhada por eventuais sentimentos de culpa em relação aos desejos sexuais. Esse fator também pode auxiliar na compreensão do aumento de disfunções sexuais após a menopausa, apesar de existirem vários fatores físicos que também podem contribuir para o surgimento dessas disfunções, como vimos anteriormente. Penteadó et al (2000) corroboram essa idéia e afirmam que a ausência da menstruação pode vir associada a sentimentos carregados de diversos significados, que serão influenciados pela condição particular de cada mulher. Em contrapartida, de acordo com Penteadó et al (2000), também podem emergir sentimentos de alívio, pelo fato de não terem

mais preocupações com a reprodução, como podem surgir, ainda, apreensões relacionadas ao próprio envelhecimento e às perdas conseqüentes desse período do ciclo vital.

Em um estudo significativo realizado por Abdo et al. (2002), com uma população de 1.271 mulheres brasileiras com mais de dezoito anos, foi identificada como queixa sexual mais freqüente a falta de desejo sexual, que entre pessoas com mais de 41 anos foi de 47 % e de pessoas com mais de 61 anos a taxa se eleva para 73%, e confirmam o agravamento dessa principal problemática conforme o envelhecimento das mulheres. Segundo Fleury (2004), a passagem pela menopausa, como uma parte do envelhecimento da mulher, vem associada, como observamos, a uma série de modificações físicas. No entanto, é consenso entre os estudiosos da área a grande influência da subjetividade da mulher na sua experiência de sexualidade nesse período da vida. De acordo com Kublikowski (2001), a percepção feminina do envelhecimento do corpo e das mudanças conseqüentes disso geram na mulher sentimentos de tristeza, fragilidade e as tornam por muitas vezes mais ansiosas. Outras se sentem mais cansadas, mais gordas, ou tem sua libido diminuída de forma brusca. Comparativamente, esse estudo de Kublikowski (2001) mostra que as mulheres apresentam uma construção do envelhecimento mais negativa do que a dos homens.

Concomitantemente à menopausa que ocorre nas mulheres, os homens vivem a questionável andropausa, embora não exista ainda, similaridade comprovada, a um processo análogo no homem (Cairolí, 2004; Fleury, 2004). No entanto, o termo andropausa está sendo cada vez mais utilizado para descrever um conjunto de sintomas, como: perda de energia, depressão, diminuição da libido e disfunção erétil em algum grau, que ocorrem naturalmente no homem que

envelhece, principalmente após os cinquenta anos de idade, em que há uma diminuição gradual no nível de testosterona. A definição do termo andropausa, bem como a menopausa, traduz a existência de uma deficiência hormonal secundária a uma falência gonadal. Tem sido cada vez mais comprovada a relação direta entre o processo de envelhecimento do homem e a diminuição gradual da produção androgênica. Apesar da ocorrência desse processo há décadas, apenas recentemente foi despertado o interesse maior por estudos na área do envelhecimento masculino e suas alterações no comportamento sexual, que podem ser chamados, segundo Fleury (2004) e Cairoli (2004), de climatério masculino, andropausa, ou mais corretamente, segundo urologistas, de ADAM (*Androgen Decline in the Aging Male*) ou, em português, DAEM (Deficiência Androgênica no Envelhecimento Masculino).

O conceito de andropausa é bastante criticado e questionado por ser biologicamente equivocado e clinicamente inapropriado. Porém transmite bem a idéia de que existem modificações emocionais e físicas que embora sejam correlacionadas com o processo de envelhecimento esperado, são também acompanhadas por alterações hormonais bastante importantes. O equívoco do conceito é que, na mulher, invariavelmente, o ciclo de reprodução acaba com a falência ovariana (menopausa), ao passo que no homem esse processo não termina, apenas diminui a capacidade reprodutiva. As mudanças naturais fisiológicas que ocorrem nos homens com o envelhecimento são: o tempo necessário para obter uma ereção aumenta, e eles também precisam de estímulos maiores para mantê-la; diminui o número de ereções noturnas involuntárias; o período refratário aumenta e a ejaculação se retarda; há uma diminuição na quantidade de esperma, embora continuem capazes de produzi-lo até os cem anos

de idade; ocorre diminuição do líquido pré-ejaculatório; há aumento natural do tamanho da próstata, mas que não tem influência direta na quantidade e/ou na qualidade da atividade sexual; os homens sexualmente ativos apresentam um nível ligeiramente elevado de testosterona em relação aos não sexualmente ativos (mas os sexualmente ativos aos sessenta anos também o foram com vinte anos em geral); a despeito da manutenção de níveis normais de hormônios sexuais, a atividade sexual diminui em quantidade com o passar dos anos (Bento, Gonçalves e Prizmic, 2007; Kamkhagi, 2007; Aleotti, 2004).

O estudo de Abdo et al (2002) com uma população de 1.296 homens com mais de dezoito anos, identifica a disfunção erétil como a queixa sexual mais evidente, atingindo 40,6% dos homens com menos de 40 anos, 44,2% entre 40 e 49 anos, 54,9% entre 50 e 59 anos, 74,3% entre 60 e 69 anos e 76,5% acima de 70 anos. Os estudos revistos revelam que o aumento da idade pode desencadear a diminuição da potência sexual no homem de diferentes maneiras, bem como o período de climatério-menopausa pode trazer mal-estar e ressecamento vaginal, podendo até causar a dispaurenia, que é a presença de dor durante a relação sexual. Já Strey (1998) apresenta a idéia de que nenhum desses dois quadros (menopausa e andropausa) justifica o desaparecimento do desejo e a capacidade de exercer a sexualidade de forma plena.

Cabe perguntar então, o que leva alguns indivíduos a manterem uma vida ativa física e sexualmente e outros não, o que nos remete a compreender como os aspectos relativos à construção da subjetividade social e individual processa limites sobre o potencial físico, tema que será tratado no Capítulo II no que se refere ao envelhecimento e no Capítulo III quanto à sexualidade.

CAPÍTULO II- As Crenças sobre o Envelhecimento

Assumindo a perspectiva de desenvolvimento ao longo do ciclo vital, tivemos de identificar os eventos normativos psicobiológicos, dos quais discutimos no Capítulo I, e, neste capítulo, trataremos dos eventos normativos relacionados à cultura e ao momento histórico no que se refere ao envelhecimento.

A experiência clínica e a revisão da literatura (descrita a seguir) indicam que a maneira como o indivíduo concebe seu envelhecimento pode afetar diretamente sua vida sexual. Portanto, quando consideramos a experiência sexual de adultos e de idosos, devemos entrecruzar o campo das crenças e dos valores que se referem às concepções de envelhecimento, bem como as que se referem à sexualidade.

Os valores e as crenças do sujeito são construídos ao longo de sua vida, já a partir de sua infância, sendo a família o agente psicossocial que lhe garante um sentido de pertinência e diferenciação, bem como a inserção no quadro da cultura e no grupo social, ou seja, em seu processo de socialização (Minuchin, 1990) o qual não se resume a um processo simples de introjeção passiva. A adolescência é um período bastante complexo nesse sentido, já que o indivíduo questiona os valores transmitidos pelos seus pais e pelo ambiente em geral, construindo os seus próprios os quais garantirão sua inserção no mundo adulto, mas que deverão estar em constante revisão, principalmente quando se trata de viver em um mundo em acelerada modificação.

Assim, a compreensão do quadro de valores segundo os quais o indivíduo organiza sua “realidade” deve ser analisado de forma complexa, pelo seu caráter sistêmico o qual envolve não apenas o contexto familiar e social próximo, mas

também a influência de componente macro como: história, economia, sócio-política e práticas culturais, entre outros.

A partir desse panorama, coloca-se em foco a produção de sentido sendo o Construcionismo Social uma das perspectivas que nos remete “à importância de uma epistemologia que tem a formação discursiva e o processo de significação como principais pressupostos”... Propõe, por consequência, “que a representação é da ordem dos sentidos que o sujeito atribui, tanto no seu âmbito consciente quanto não, ao seu contexto social e cultural” (Guareschi Et Al, 2002,p.12).

Dessa maneira, torna-se importante questionar o que os sujeitos dizem, pensam e atuam acerca do que constitui o mundo, e, de modos diversos, o próprio sujeito e seu universo particular.

As chamadas Políticas de Identidade buscam, assim, compreender ações coletivas e individualizadas, bem como a produção de sentidos e, conseqüentemente, a construção das identidades como um processo lingüístico, cultural e social, que se forma a partir dessas diferenças. Buscam também compreender a complexidade da produção dos estatutos identitários e, por conta disso, dos processos de subjetivação (Guareschi Et Al, 2002,p.13).

A Psicologia como produto dos novos movimentos sociais, vem contribuir, uma vez que colabora para que se modifique a noção de identidade como algo que está posto, imutável, fixo. Desta maneira, “a construção das identidades se processa através de diferentes atravessamentos, o que implica dizer que as identidades são históricas, fluidas e não fixas. Dessa forma, diferentes sentidos são produzidos em diferentes momentos e contextos e podem ser entendidos como formas de resistência e/ou tentativas de transformação de práticas hegemônicas” (Guareschi Et Al, 2002, p.14).

Atualmente, cresce o interesse pelo estudo das crenças e das concepções de suas respectivas influências no ciclo vital humano. O aumento desse interesse pode ser explicado pela investigação mais apurada do tema que vem sendo realizada pelos principais teóricos da Psicologia do Desenvolvimento, sob a perspectiva de que o indivíduo encontra-se em constante transformação até sua morte (González e Desfilis, 1996), postura que adotamos neste trabalho.

Várias teorias arriscam-se a definir o conceito de envelhecimento, mas concordam é na dificuldade de defini-lo com exatidão. Os conceitos de envelhecimento irão depender de seu caráter mais biológico, social, ou psicológico, e essas respostas podem variar muito. Para Rodríguez (1994), toda a população faz parte do processo de envelhecimento desde o momento de seu nascimento. A idade, para o autor, constitui um dos mecanismos básicos de que a sociedade se utiliza para realizar a distribuição de papéis e *status* aos indivíduos, muitas vezes aproveitando-se desse fato para segregar os adultos mais envelhecidos, visando a interesses econômicos e consumistas. Sendo assim, o processo de envelhecimento acaba por delimitar as mudanças tanto individuais quanto sociais a partir do desenvolvimento natural do ciclo vital, configurando como consequência direta o duplo envelhecimento: individual e coletivo, e entre eles uma interação mútua, ou seja, nenhum desses processos pode ser analisado separadamente (Strey, 1998).

No que se refere então, às concepções sobre o desenvolvimento e o envelhecimento, tanto as correntes sociológicas quanto as psicológicas em geral se interessam por esse tipo de estudo, já que também elas se beneficiam da compreensão mais aprofundada desse tema. A sociologia considera as “concepções normativas sobre o ciclo vital humano como um fenômeno determinado primeiramente pela estrutura social” (p.41). Já do ponto de vista psicológico, as

concepções normativas do desenvolvimento adulto são aquelas atitudes que se espera de cada faixa etária, e que têm provavelmente a função de estabelecer algum tipo de referência para o sujeito ao longo de seu desenvolvimento pessoal (González e Desfilis, 1996). Nesse sentido, conhecer o curso normativo de atitudes de um indivíduo ajuda a identificar se seu passado evolutivo ou história de vida se encontra dentro que é considerado “esperado ou normativo” (relógio social) ou está “fora do comum ou desviado” (fora do tempo), embora essas expressões possam ter diversas interpretações e coexistir na prática. Por tudo isso, as crenças e os valores dos adultos sobre o desenvolvimento psicológico no envelhecimento fazem parte de um sistema complexo de conhecimento sobre o ciclo vital e são, por si só, um objeto de estudo de grande importância (González y Desfilis, 1996). Embora essas crenças possam vir a “aprisionar” o sujeito em determinadas atitudes cristalizadas, elas o auxiliam, de outro lado, a se organizar diante do ciclo vital, promovendo o investimento em direção às metas evolutivas. Esse fato mostra o grau em que o sujeito se percebe como construtor ativo, isto é, como protagonista de sua história de vida.

Alguns estudos (McFarland et al., 1992; Krueger y Heckhausen, 1993; Rodrigo, 1994) concordam que essas crenças são mais que teorias arbitrárias e culturalmente transmitidas: elas compõem um conjunto de conhecimentos implícitos que podem influenciar psicológica e diretamente a forma de agir dos indivíduos, mas sobretudo daqueles que vivem o processo de envelhecimento. Esses estudos mostram que há pouca investigação acerca dessas crenças, já que os trabalhos realizados com a população jovem sobre do processo de envelhecimento apresentam apenas as expectativas otimistas e de respeito com relação aos mais velhos. Podemos notar o mesmo resultado no trabalho de González e Desfilis

(1996): os autores fizeram a mesma pesquisa com jovens e idosos, e obtiveram resultados diferentes nas duas faixas etárias. Os jovens afirmaram que as perdas e as desvantagens no envelhecimento são sempre bem menores do que os ganhos identificados. Já a mesma pesquisa, realizada com a chegada da idade avançada, apontou uma mudança gradual nas crenças dos sujeitos, em que as perdas aumentaram e tornaram-se mais numerosas do que os ganhos. Os resultados dessa pesquisa sugerem que os adultos “esperam, à medida que avançam cronologicamente, um declínio de seu potencial para o crescimento” (p. 546).

Dessa maneira, a característica base do processo de envelhecimento não é tanto a percepção das perdas que ocorrem necessariamente, mas, sim, a angústia de se ter menos oportunidades para melhorar. O que os participantes afirmaram nesse estudo, apesar da tendência a relacionar idade avançada com declínio e falta de oportunidades, é que acreditam ser o desenvolvimento humano mais progressivo do que regressivo de forma geral. Os estudos sugerem que, sem dúvida, os participantes concebem o envelhecimento como uma etapa qualquer do ciclo vital, ou seja, que se estabelece como um processo de amadurecimento contínuo, até a finitude. Com esse pressuposto, o processo de envelhecimento se configura assim, como uma etapa passível de muitas mudanças também, podendo chegar a questionar as crenças e os valores normativos, opondo-se, então, à imagem de estabilidade e segurança que a perspectiva normativa de desenvolvimento nos apresenta. Essa linha psicológica (que considera o desenvolvimento um processo contínuo durante todo o ciclo vital) leva em consideração não só as crenças normativas, mas também valoriza a experiência subjetiva de cada indivíduo e seus possíveis significados (González e Desfilis, 1996).

Em todas as fases de nossa vida haverão perdas e ganhos, mas durante a juventude, pouco refletimos a respeito das perdas, compreendendo a velhice com uma atitude sempre ligada ainda ao negativo, à decrepitude e à proximidade da morte. Esse fato faz que as pessoas ainda dêem continuidade à idéia de apresentar velhice e envelhecimento como sinônimos, alimentando conforme Messy (1992), a ilusão de fortalecimento e distância de uma velhice, protegendo-se com a famosa frase de Beauvoir (1990): “O velho é sempre o outro”. De acordo com este autor (Messy, 1992), a forma rígida de pensamento limitando a vida em função apenas do ciclo vital a ser cumprido, se opõe drasticamente ao conceito de que o desejo e a libido estão presentes e ativos em qualquer idade. Mesmo ocorrendo uma mudança corporal significativa, isto não é impeditivo para que a pessoa mantenha seus desejos vivos e haja um funcionamento psíquico rico e pleno.

Para Messy (1992), o qual corrobora Barbieri (2003), o envelhecimento e o momento em que ele se apresenta variam entre as pessoas, sendo que cada sujeito terá seu tempo específico, dependendo de sua história de vida. Para o autor, “o aparecimento do envelhecimento aconteceria por ocasião de uma ruptura brutal do equilíbrio entre perdas e ganhos” (p.22).

Segundo Py (2006), envelhecer é um processo sofrido e que sempre vem acompanhado de desamparo desde o dia de nosso nascimento, e se traduz “numa expressão das perdas sucessivas que acompanham a nossa existência” (p.11), sendo que a mais radical delas é a perda da vida, a morte. A partir do processo de envelhecimento e da conseqüente aproximação da finitude é que os indivíduos podem produzir mais e viver melhor e mais livremente. A percepção do envelhecimento numa determinada pessoa pode ser a origem de desenvolvimento da capacidade humana de criar, pensar e, conseqüentemente, descobrir a vida

(Torres, 1999). A percepção do envelhecimento nos traz, além de algumas limitações e debilidades orgânicas, a grande oportunidade de refletir sobre a existência humana e as possíveis impulsões a fim de vislumbrar novas possibilidades de vida e novos *scripts* para nossos personagens, na criação ou na re-criação de papéis (Py, 2004).

Para Messy (1992) e Py (2006), cada sujeito envelhece de acordo com o que viveu, ou seja, é no curso de cada história de vida que serão desenvolvidos conteúdos “apavorantes ou tranquilizadores” que farão parte de cada processo de envelhecimento.

Apesar das mudanças que ocorreram na época da revolução sexual, tema que será mais explorado no próximo Capítulo, há até hoje, na sociedade contemporânea, crenças que dificultam a expressão de desejos no envelhecimento, e isso pode vir a impedir a vivência plena da sexualidade nessa fase da vida. A sociedade, por muitas vezes, tem como valor que a mulher que envelhece torna-se assexuada, que “aposenta” seus desejos e que há uma perda ou morte da libido (Risman, 2005). Essa influência é produto de uma série de comportamentos e regras existentes desde a Antiguidade (Risman, 2005).

Pode-se perceber, a partir de estudos de Caridade (2005) que em vários casos, há um abandono da sexualidade na fase de envelhecimento por se acreditar que esta se relaciona apenas ao corpo esteticamente belo (em conseqüência, jovem). As pessoas, segundo Macedo e Kublikowski (2000), preferem acreditar e se apegar à ilusão de “eterna juventude” e conseqüente não aceitação do envelhecimento que, claramente, serve só para alimentar quadros de depressão, problemas conjugais e, disfunções sexuais, entre outros.

Pode-se ilustrar a idéia descrita acima pensando nas características mais valorizadas atualmente e que mais definem de forma positiva as pessoas (sobretudo as mulheres): ser belo, jovem e procriar. Então, quando beleza, juventude e capacidade de procriação se vão, parece restar pouco para os mais velhos diante da sociedade.

Há a necessidade, sim, de não se comparar sexualidade no envelhecimento com a sexualidade exercida na juventude, pois, de fato, são períodos diferentes do ciclo vital e as mudanças também serão significativas na esfera sexual, como em todas as outras. Precisamos pensar essa etapa da vida sexual de forma específica e, conseqüentemente, buscar a aceitação de suas possibilidades, características e limitações.

Hoje, há uma tendência dos gerontologistas em trabalhar no sentido da busca da diminuição dos preconceitos e estereótipos em relação ao envelhecimento e à sexualidade. Esse tipo de trabalho também deve ser cauteloso, pois podem surgir, a partir desse movimento, os chamados contramitos, que são imagens superotimistas, muitas vezes não correspondentes à realidade. Como exemplo disso, podemos citar a expressão “melhor idade”, que está sendo utilizada atualmente como substituição da palavra velhice, mas trata-se de um conceito equivocado, pois supervaloriza o idoso, exacerbando os ganhos e negando as perdas.

Não podemos deixar também de salientar que, de fato, ocorreram mudanças importantes na área, já que, como os vários estudos acima mostram, a sexualidade deixou de ser vista apenas como uma forma de procriação, assumindo também um objetivo de prazer. Porém, na prática, os preconceitos continuam sendo fortes, apesar de a população acima dos cinqüenta anos ser cada vez maior e ter a

capacidade física de exercer uma vida sexual ativa. Várias pesquisas (Caridade, 2005; Fleury, 2004; Cairoli, 2004; Pellegrini Jr., 1999; Pitelli, 1997; Bruns & Almeida, 1994) confirmam a informação de que, a não ser em casos patológicos, não há obstáculos para a prática sexual até a morte. Como os demais órgãos durante o processo de envelhecimento, os órgãos sexuais não fogem à regra, ou seja, também sofrem alguma perda com o passar dos anos, o que não significa, de forma alguma, que parem de funcionar.

Essa situação nos apresenta uma gama de possibilidades entre duas polaridades na vida sexual da idade madura, ou seja, num pólo pode ser contemplada a sexualidade negada (alvo de estereótipos e preconceitos criados ao longo da história) e, no outro, a sexualidade imposta (exagerada e otimista-contramito). A vivência sexual “escolhida” pelos indivíduos nesse leque de possibilidades, dependerá diretamente da construção dos valores realizada pelo sujeito até hoje. Ou seja, notamos que um fator importante que colabora para a manutenção do adulto que envelhece como ser assexuado, está relacionado aos modelos de referência que as pessoas adquirem ao longo de sua vida. Estes estão baseados, freqüentemente, nos conceitos e nas expectativas estabelecidos para cada etapa do ciclo vital (Caridade, 2005).

Nesse sentido, a geração que vive hoje e envelhece a cada dia, se vê tendo de se confrontar não só com seu próprio processo de envelhecimento físico e psicossocial, mas também com a necessidade de atribuir um novo sentido à vida sexual e ao prazer. Sobre a modificação desses valores, Aleotti (2004) esclarece que “[...] para haver elaboração interna dos momentos de transição (da sexualidade inclusive) é necessário que haja percepção das mudanças que ocorrem ao longo da vida”. Segundo a autora, o indivíduo deve ser capaz de realizar

reflexões sobre as transformações que podem acontecer ao longo do ciclo vital, estando atento principalmente para as mudanças corporais e relacionais, pois com o envelhecimento os desejos tendem a se modificar, bem como a velocidade corporal, mudando, conseqüentemente, o relacionamento com o outro. Por isso, o processo de amadurecimento e a constatação do envelhecimento exigem importante investimento psíquico, já que é uma fase de grandes mudanças em todos os sentidos, entre elas, a sexualidade (Aleotti, 2004).

Capítulo III

Sexualidade: Contextos e Desenvolvimentos

A sexualidade sempre foi considerada um aspecto importante da vida do ser humano, não só no sentido biológico de reprodução, mas também no sentido de busca de prazer e determinante da qualidade de vida dos indivíduos em geral. Ela é caracterizada como multidimensional (Lorenzi e Saciloto, 2006), ou seja, é influenciada não apenas por fatores fisiológicos e anatômicos, mas também por outras dimensões mais subjetivas do indivíduo, como: relacionamentos interpessoais, experiência de vida, cultura e ambiente, e logo, pela construção de valores do sujeito (Fleury, 2004).

Embora a sexualidade se mostre uma temática de saúde pública, pudemos identificar que a produção científica acerca do tema quando correlacionada ao envelhecimento não é tão significativa. Essa informação pôde ser obtida por meio de uma pesquisa feita na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), onde foram encontradas quarenta referências ao tema, das quais dezesseis de fato se referiam ao problema específico de nosso trabalho.

O sentido da sexualidade esteve atrelado e sempre estará a um conjunto de valores e controles sexuais que sustentam a sexualidade dita “adequada” ou “inadequada”. Considerando que, a partir dos últimos cinquenta anos, foi caracterizado pelas sociedades ocidentais, sobretudo nas camadas médias urbanas, todo um processo de questionamento dos valores sexuais vigentes, torna-se importante para compreender melhor a vida sexual na atualidade contextualizá-la

historicamente, principalmente quando tratamos de indivíduos que nasceram antes da Revolução Sexual.

Podemos identificar uma correlação importante entre amor, sexualidade e casamento ao longo da História, aliança de que trataremos neste capítulo, bem como de alguns dos processos por meio dos quais a norma social se materializa na vida amorosa e sexual dos indivíduos.

Indicações sobre a história da sexualidade e casamento

A busca por compreender a contextualização histórica, é importante ressaltar, não diz respeito à descrição e à análise de fatos e acontecimentos, e sim, a identificação de aspectos desse campo que possibilita o surgimento de padrões de subjetivação. Essas contribuições encaminham o conceito de cultura para um espaço privilegiado de transformação do ser social, bem como a respostas às mudanças sociais (Guareschi Et al, 2002).

A nossa pesquisa neste capítulo, que resume entre outros temas, as principais questões que dizem respeito à história da sexualidade, irá basear-se com relação ao histórico, em três autores principais e seus textos específicos sobre o tema, sendo eles: Vainfas (1992) - Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão; Flandrin (1983) - A vida sexual dos casais na antiga sociedade: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos; e Ariès (1983) - O amor no casamento. Esses autores e seus respectivos artigos e livros foram escolhidos por acreditarmos que representam bem a história dos valores associados à sexualidade e sua relação com o casamento, e por esse mesmo motivo atendem a

necessidade do tema neste capítulo, embora a literatura seja rica nesses aspectos, é importante deixar claro.

Partindo de uma contextualização histórica da sexualidade ocidental, Flandrin (1983) realiza uma análise aprofundada de alguns documentos eclesiásticos (tratados de teologia moral e manuais de confissão, entre outros), que se baseia em prescrições que, atualmente, nos causam estranhamento, embora sejam fundamentais para a compreensão do fenômeno da sexualidade que vivemos hoje.

No centro da moral cristã inicial, segundo o autor, havia grande desconfiança em relação aos prazeres da carne, pois eles obrigam o espírito a ficar prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar a Deus. Nesse sentido, a sexualidade só nos foi concedida para fins exclusivos de reprodução, por isso, usá-la para qualquer outra finalidade, significava abusar dela.

O texto afirma que para a sociedade, na época da Pré-Reforma Religiosa, a instituição familiar é a que melhor se enquadrava dentro dos padrões em termos de educação de filhos. E também não era permitido conceber filhos que não fossem fruto do casamento legítimo, ou seja, toda e qualquer relação sexual exterior ao casamento constituía um pecado. A união sexual só era considerada legítima, mesmo que dentro do casamento, quando tinha o objetivo de reprodução ou para dar algo ao cônjuge que havia sido prometido por contrato de casamento. Nesse sentido, a ideologia moral expressa pelos estóicos corroborava com as idéias pregadas pelo cristianismo, uma vez que favorecia a procriação, a propagação da espécie, como finalidade e justificativa do casamento - por oposição à união livre, de prática livre. A partir do século XIII foi adicionado um terceiro fator que o casamento “pregava”: a intenção de lutar contra um desejo culpabilizado.

O casamento tornou-se, então, uma espécie de “remédio” que Deus ofereceu ao homem para evitar a impudícia. Alguns teólogos a partir do século XIII referem que, quando um dos esposos se sente tentado a cometer o adultério, podia utilizar-se do casamento para justificar a não realização desse desejo ou tentação. Já a partir do século XV, os teólogos julgavam que os esposos que se uniam ao cônjuge por algum tipo de prazer carnal também cometiam um pecado mortal, portanto, passível de condenação religiosa.

No final do século XVI e também início do século XVII, por meio de Thomaz Sanchez, surge outra problemática: os esposos que sem intenção especial procurem “apenas unir-se como esposos” não cometem nenhum pecado, desde que naturalmente não evitem a procriação, que ainda permanece como o objetivo principal do ato sexual na época. Por isso, nessa etapa, já não é mais condenada a procura do prazer em algumas circunstâncias, mas sim é condenada agora a busca por “prazer apenas”.

A partir do século XVI, os religiosos começam a estimular os casais a terem quantos filhos quisessem ao passo que no fim da Antiguidade e começo da Idade Média eram compelidos a deixar de ter relações sexuais assim que a descendência estivesse garantida de alguma maneira (Flandrin, 1983).

O chamado “Crime de Onan” (coito interrompido) que provavelmente era o método contraceptivo mais utilizado na época, raramente é mencionado na História até o século XIV. É apenas em meados do século XVI que aparecem algumas menções a respeito desse crime, a partir do surgimento de uma nova problemática: a da cumplicidade da esposa. Todos estavam cientes que a esposa deveria cumprir alguns deveres conjugais desde que o marido a solicitasse. Mas o questionamento era se ela deveria se submeter ao ato sexual se o marido tivesse o

hábito da prática do coito interrompido. Desde o século XIV, alguns religiosos perceberam a dificuldade de alguns casais em criar muitos filhos. Foi o teólogo Pierre de La Palu quem propôs pela primeira vez a chamada “relação contida”, ou seja, sem a emissão de esperma, mas com penetração, prática que foi aceita por partidários da Igreja até o século XX. Ainda no século XVI, Pierre de Ledesma inclui outra sugestão para a resolução desse problema: a recusa das esposas em cumprir a obrigação conjugal. Neste momento, aparecem as noções de credor e devedor. Nos tratados de teologia moral, encontra-se sob o título de “DEBITUM” – o devido ou a dívida - em tudo o que diz respeito à sexualidade no casamento (Àries, 1983).

Flandrin (1983) ainda relata que, fora do leito conjugal, o homem era sempre superior à mulher, mesmo durante o ato sexual, era considerado o ativo, ao passo que a mulher deveria se submeter a seus desejos, ou seja, estava sempre relacionada a um comportamento mais passivo. A mulher só era obrigada a “cumprir a obrigação” se o marido exigisse de forma explícita os seus direitos na época. Com relação ao desejo da mulher, era necessário que o homem adivinhasse, não era permitido que a mulher expressasse de nenhuma forma seu desejo carnal. Segundo Áries (1983), as sociedades ocidentais envolveram as mulheres de um “recato” segundo o qual elas não se entregavam com a paixão provocante de uma cortesã. Os textos da Igreja obrigam o marido a anunciar o desejo à mulher, pois ela não pode, de maneira nenhuma, confessá-lo ou reivindicar qualquer direito próprio, ou seja, o conceito de recato, torna-se fundamental para a compreensão da sexualidade ocidental nesse período (Murano, 2007).

Um dos questionamentos nesse momento era a respeito do sêmen feminino, se este era necessário à geração, como defendeu Galeno, ou se era totalmente inútil, como defendia Aristóteles. Chegou-se à conclusão de que o sêmen emitido

no momento do orgasmo não era necessário à concepção, mas esse era muito bom para a mulher e fazia que a criança se tornasse mais bonita. Acreditava-se que Deus tinha inventado o prazer feminino, pois esse estaria correlacionado com a reprodução da espécie. Mas havia um risco de minar a sexualidade pregada pela doutrina cristã da época. A partir disso, algumas questões começaram a surgir:

- 1- A mulher estava obrigada a emitir o sêmen no decurso da união carnal?
- 2- O marido fica obrigado a prolongar a cópula até a mulher emitir seu sêmen?
- 3- Devem os esposos emitir o sêmen ao mesmo tempo?
- 4- A esposa pode atingir o orgasmo acariciando-se a si mesma se o marido se retirou antes de ela ter emitido seu sêmen?

Os teólogos pregavam que eram impróprios para a cópula todos os dias de jejum bem como os de festa; os períodos de impureza da esposa, ou seja, durante a menstruação e até quarenta dias após o parto e também eram impróprios os períodos de gravidez e de aleitamento. Esses conceitos com relação à continência periódica, vêm se modificando desde a Antiguidade até os dias atuais (Vainfas, 1992). A união conjugal sexual devia acontecer na posição dita “natural”: a mulher deitada de costas e o homem por cima dela, já que reforça a posição ativa do homem e a passiva da mulher. Qualquer outra forma de cópula era condenável, pois dita “contra” a natureza de Deus (Vainfas, 1992). No entanto, a partir do século XIV alguns teólogos começaram a tolerar algumas posições sexuais “contranaturas”, desde que o casal apresentasse boas razões para isso. Por exemplo, quando o marido era gordo demais.

Com exceção de Sanchez e Francisco de Vitória, nenhum teólogo, inseria nas discussões sobre sexualidade conjugal, a noção de amor. Ao contrário, sempre que aparecia essa associação nos debates, era imediatamente reprovada. Tamanha hostilidade, provavelmente, era advinda do receio de que um amor apaixonado dos cônjuges afetasse negativamente as relações sociais e sobretudo, os deveres para com Deus. O significado é o de buscar uma rivalidade entre o amor conjugal e o amor de Deus (Vainfas, 1992). Noonan afirma que não se deve dar importância a essa possível associação, já que é próprio de todo o pecado mortal que esse afaste o homem de Deus. Para ele, o que se buscava nessas reprovações quanto ao amor excessivo entre o casal é apenas a relação entre prazer e culpa. Seguindo essa linha de raciocínio, há coisas de que não se falava: o amor conjugal era uma delas, por isso não se sabe ao certo como os casais viviam de fato sua conjugalidade. O casamento, nesse período, situava-se na intersecção de um vasto domínio público com um pequeno espaço secreto, mais secreto que privado, é importante ressaltar. Assim, o amor conjugal poderia ser um dos lugares mais secretos da sociedade antiga (Flandrin, 1983).

Essas prescrições morais nos revelam questões acerca da prática conjugal até o século XVIII: primeiro elas se impõem como normas de comportamento numa sociedade cristã, e, em segundo, podemos concluir que são reflexos das mentalidades e dos comportamentos, ou seja, são frutos da construção da cultura na História.

Para a maior parte dos historiadores, a vida sexual da maioria dos casais, seguiu as normas da sociedade cristã até pelo menos meados do século XVIII ou mesmo até a Revolução Francesa. A vida sexual era considerada um “segredo”, pois existiam poucos testemunhos a respeito do tema, devido à grande reprovação na

época. Em geral, coloca-se a problemática em termos de cristianização e descristianização.

O celibato dos padres e a cultura por meio dos livros pesou na visão dos teólogos com relação aos casais e à sexualidade, a partir dos séculos XVIII e XIX. Podemos perceber isso com relação à questão do controle dos nascimentos, pois surge nesse momento uma incapacidade dos clérigos em guiar os esposos em suas relações conjugais.

Para Montaigne e Brântome, era tido como normal que um homem tivesse amores fora do casamento, idéia que parece ter sido bastante difundida na nobreza até o século XVII e mesmo depois. Nesse ponto, portanto, eles não admitiam a doutrina da Igreja. Os dois autores acima julgavam como idéia absurda se ter com a própria mulher o mesmo comportamento que se tinha com uma amante. Nesse sentido, pensavam igualmente a Santo Agostinho e outros teólogos da época. Com relação a essa temática, Flandrin (1983) teve o mérito de salientar um fenômeno da história da sexualidade que permaneceu até pelo menos o século XVIII: a diferença que os homens de quase todas as sociedades e de todos os tempos observaram entre o amor no casamento e o amor/sexualidade fora do casamento.

A idéia de duração não é moderna; segundo Áries (1983), ela pode voltar a tornar-se moderna: “e se o amor no casamento, distinto do outro, não se reformula nos nossos costumes em redor dessa idéia de duração, duração do fato, preferentemente à vontade de durar”. A sociedade antiga tinha como idéia fundamental o culto do precedente (e o casamento era um deles que permitia e constituía a legitimidade), mas, de maneira nenhuma, o da duração, ou seja, tudo o que tinha sido uma vez, seria para sempre, sem que a duração fosse levada em consideração.

A idéia de amor correlacionado à conjugalidade começou a se expandir com o surgimento da classe média em países europeus ainda no século XIV, indo na contramão das tendências que se observavam no Ocidente, desde o ápice da cultura grega, que exaltava o amor e a paixão fora do casamento.

Mas foi apenas a partir do século XVIII, na Europa, que o conceito de amor começou a ser visto de maneira especial e ampliado aos relacionamentos conjugais e à família. Esse fenômeno pôde ocorrer como produto das mudanças de natureza político-econômicas que contribuíram para a consolidação do Estado moderno e, concomitantemente, ocorreram também modificações de cunho psicossocial, que culminaram em novas condutas e sentimentos humanos. Esse panorama favoreceu o privilégio do sujeito em relação à comunidade, através da valorização da privacidade em oposição ao mundo social exterior (Ariés, 1981). De qualquer forma, essas mudanças na intimidade ao longo da história fizeram que o indivíduo deixasse de se guiar apenas pela vigilância externa: o mundo moderno criou um novo homem, caracterizado especialmente pelo autocontrole e pela autorregulação, incorporando a idéia de uma vida individual, em que o centro é a introspecção (Figueiredo, 1992).

E, na verdade, foi esse contexto que permitiu que a intimidade pudesse emergir e ser compreendida como é hoje; trata-se de uma construção histórica de valores. As escolhas individuais começaram a ser mais valorizadas do que a dos outros ou do que se esperava. Lentamente, começou-se a ter um olhar mais direcionado para as emoções e os sentimentos, bem como para o diálogo entre as pessoas e a conseqüente valorização das próprias percepções e sentimentos. Concomitantemente a esse processo, por volta do século XIX, as famílias começaram a ficar cada dia menores e foi aumentando, por isso, a convivência

entre os cônjuges. Nesse momento também houve diminuição dos direitos do homem sobre a família, uma vez que a separação entre lar e criação de filhos (domínio feminino) e local de trabalho (masculino) estava cada vez mais nítida. Por isso, a imagem de mãe e esposa veio a reforçar um modelo constituído por dois sexos: o das atividades -o masculino- e dos sentimentos -o feminino. Os casamentos que até então haviam sido realizados por interesses econômicos, e não pela atração sexual, começaram a incorporar a idéia do amor romântico, um amor que tem como fundamento o “ser amado”, sendo baseado no afastamento dos próprios interesses em prol do outro.

As mulheres, de forma geral, aprenderam como modelo principal, que o estar delas no mundo estava diretamente vinculado ao matrimônio e principalmente, ao papel de cuidadora. Tinham a idéia de que esse era o único caminho possível para se viver. Portanto, monitorar a união conjugal era responsabilidade da mulher, e esse fato, por muitas vezes, era significado de redução de seus desejos e implicava investimento constante para a manutenção do afeto e sustento de seus respectivos maridos.

Por um lado, a sexualidade no casamento era valorizada, mas, ao mesmo tempo, os valores de fidelidade e virgindade estavam sempre correlacionados às mulheres. Para os homens era permitido um maior desejo sexual, e esse poderia ser realizado caso fosse um bom provedor, justificando, assim, a infidelidade. Por isso, as mulheres deveriam ser capazes de se transformar no sentido de buscar a aceitação dos desejos e das necessidades de seu marido em prol dos ideais sociais vigentes. A questão da dependência do marido fez que a maioria das mulheres se acomodasse na união conjugal, alimentando a crença de que, a longo prazo, os sacrifícios pessoais realizados valeriam a pena. Nesse sentido, autonomia e desejos

personais fora do casamento foram reprimidos ao longo da história, como se não pudessem vir à tona, como se não pudessem existir. Ao longo da vida, as mulheres foram educadas para ser submissas e dependentes do pai e depois do marido, e a grande maioria seguia esse percurso que lhes era oferecido.

A união por amor, do século XIX até a primeira metade do século XX, no entanto, consolidava-se como uma relação altamente hierárquica. O casamento era o único caminho possível para definir a identidade feminina e um valor que deveria ser mantido a qualquer preço: por isso, qualquer desvio nesse sentido era tido como anormal. Os casamentos eram compostos por papéis rígidos, nem sempre levavam em consideração a individualidade, os anseios, as necessidades, os projetos pessoais e a realidade dos parceiros envolvidos, como já vimos acima (Norgren, 2002).

O século XX

A partir da segunda metade do século XX, começaram a emergir diversos questionamentos a respeito dos elementos que sustentavam a ideia do amor romântico, como: valores como o respeito à intimidade, a estabilidade no casamento, a família nuclear como base para o adequado desenvolvimento social, a repressão sexual, e a desigualdade entre mulheres e homens na vivência sexual, entre outros. A divisão de tarefas no casamento, a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho, também foi um aspecto que teve como resultado a diminuição da hierarquia dentro da família, pois houve um questionamento das relações de poder que foram estabelecidas desde a Antiguidade (Hime, 2004).

Até a década de 1950, o modelo de relacionamento conjugal predominante era aquele em que a escolha do parceiro era realizada pela paixão, que vislumbrava um projeto conjugal atemporal. Já atualmente os relacionamentos amorosos não envolvem apenas o parceiro do sexo oposto e tentam buscar uma resolução para a árdua tarefa de conciliar projeto conjugal com a satisfação pessoal de cada indivíduo.

Essas transformações culturais, políticas e sociais influenciaram diretamente a vida sexual dos indivíduos, já que modificaram também a forma de ele se relacionar consigo mesmo e, conseqüentemente, com o outro. Para que a transformação na área da sexualidade pudesse ocorrer dois grandes eventos foram fundamentais: a chamada revolução sexual e concomitantemente, a emancipação feminina. A liberação sexual da década de 1970 levantou o questionamento acerca do duplo padrão de sexualidade. As mulheres enfrentaram as expectativas sociais de se manterem castas para o casamento e lutaram pelo prazer sexual, que, posteriormente, tornou-se uma questão da conjugalidade, e o casamento passou a ser uma união composta por escolhas mais livres, não mais pautadas nas idéias de indissolubilidade de antigamente. Com a emancipação feminina, foi sendo cada vez mais importante para as mulheres poder estudar, ter uma carreira e colaborar de forma ativa no orçamento doméstico. Foi por meio desses eventos que a sexualidade pôde começar a ser revista, possibilitando a visibilidade da diversidade de subjetividades e diversas formas de relacionamento (Giddens, 1993), já que a satisfação afetiva e sexual de ambos agora se tornou componente fundamental para a continuidade de uma relação.

Casamentos com satisfação conjugal

Considerando que a realização do prazer sexual se tornou um ideal das camadas médias urbanas atuais, é importante analisar como os indivíduos que viveram segundo quadros de valores das décadas de 1960 e 70 atualizaram ou não suas crenças acerca da sexualidade/casamento. Nesse sentido, o estudo de Hackstaff (1999) é interessante, pois se trata de uma pesquisa aprofundada sobre a lógica das relações conjugais e suas conseqüentes transformações por meio de uma análise comparativa entre dois grupos de casais norte-americanos: os que se casaram na década de 1950 e outros que se casaram em 1970. Sua pesquisa mostrou duas “culturas”, dois grandes blocos de crenças, símbolos e práticas, relacionadas a condições materiais, que reforçam ou casamento ou divórcio. A cultura que cercava o casamento, que caracterizou quase todas as uniões até pouco tempo atrás, delimitava-o como algo obrigatório, como única possibilidade, e era para ser eterno, sendo o divórcio o último dos recursos. Desde que a cultura do divórcio se instalou, a partir de 1970, podemos observar que ela foi um divisor de águas do casamento, uma vez que ela nos mostra agora o casamento como uma opção, ou seja, o casamento é uma contingência e o divórcio é um caminho para a busca de uma união mais satisfatória. A manutenção de um bom casamento surgiu nessa pesquisa como uma tarefa das esposas na década de 1950, enquanto um novo conceito de “ética do trabalho conjugal” se tornou um fator mais importante para os casais da década de 1970. Esses casais provavelmente desenvolveram maneiras de conciliar o desejo de um casamento duradouro e gratificante com a crença na contingência, já que essa sofreu mudanças importantes a partir do contexto social-histórico vigente.

Nesse sentido, vários autores estudam as expectativas, conflitos individuais, conjugais e familiares que envolvem essa complexa compreensão da cultura do casamento *versus* a cultura do divórcio (Souza e Ramires, 2006; Maciel Jr., 1999; Meirelles, 2001; Norgren, 2002; Féres Carneiro, 1987). Esses autores apontam que há uma dificuldade e uma ambigüidade hoje em dia, com relação às expectativas conjugais, sobretudo no que diz respeito a questões cotidianas que envolvem de alguma forma conceitos de tradicionalismo e hierarquia/igualdade.

Para a maioria dos ocidentais, hoje, só a duração não é suficiente. Atualmente buscamos também e, principalmente, uma relação conjugal satisfatória. É preciso lembrar que a satisfação na conjugalidade é subjetiva, pois cada sujeito tem desejos e necessidades particulares, e como o outro irá corresponder a essas expectativas também será um fator de análise da satisfação no casamento.

A satisfação conjugal é um conceito bastante complexo, que pode variar conforme a cultura vigente e o momento histórico. No trabalho de Norgren (2002), que estudou casamentos de longa duração- mais de 20 anos- no Brasil, a sexualidade tem um lugar de importância nessa satisfação. A satisfação na conjugalidade é subjetiva, e implica satisfazer os desejos e as necessidades de cada cônjuge, bem como buscar corresponder de alguma maneira ao que o outro espera, sempre visando à reciprocidade na relação. Ela também é caracterizada por sentimentos de bem-estar, afeto, segurança e companheirismo, entre outros aspectos que estão relacionados à construção de intimidade.

Na tentativa de entender os processos e as variáveis que colaboram para que as uniões duradouras sejam satisfatórias, Norgren e Souza (2004) realizaram um trabalho com casais paulistas, como parte de estudo maior que investiga a

satisfação conjugal em países ocidentais (Estados Unidos, Suécia, Alemanha, Holanda, Canadá, África do Sul, Israel e Chile). Os resultados obtidos por elas foram bastante parecidos aos do estudo multicultural mais abrangente.

Por meio dessa pesquisa, pode-se analisar que o casamento satisfatório é um processo o qual exige constante construção e transformação. Esse percurso deve ser realizado conjuntamente para que continue satisfatório ao longo do tempo. Há necessidade de investir no relacionamento, empenhando-se para que ele seja satisfatório para os dois envolvidos, buscando encontrar equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, compartilhando interesses e relacionamento afetivo-sexual de qualidade, tentando evitar o tédio e a repetição.

Para que os casamentos de longa duração sejam satisfatórios, foram identificadas algumas variáveis fundamentais: consenso, padrões positivos de resolução de conflito, qualidade comunicação e flexibilidade, variáveis essas que podem ser aperfeiçoadas ou adquiridas, melhorando a qualidade de vida individual e conjugal. Além desses aspectos que colaboram para a satisfação no casamento, variáveis como religião, apoios comunitários e *status* econômico também foram apontadas como fatores que podem interferir na qualidade do relacionamento conjugal. Isso indica que o casamento é um sistema aberto, por isso comunicante e dependente do exterior, não sendo influenciado somente por variáveis intrapsíquicas ou interpessoais. Ainda nesse mesmo trabalho, os autores constataram que indivíduos casados há muito tempo e satisfeitos com sua conjugalidade têm valores, objetivos e modo de encarar a vida semelhante, o que também é construído. As pessoas também estão conectadas às questões atuais de seu relacionamento, buscando, assim, alternativas para evitar a rotina e manter o

desenvolvimento, mostrando que a união conjugal continua a se transformar, ou seja, a conjugalidade satisfatória não é o fruto de uma escolha certa e, sim, de um processo de construção conjunta.

Na mesma direção, Araújo (1999), em uma grande pesquisa realizada no Brasil acerca da sexualidade e casamento, observa que a idéia do amor romântico ainda persiste na imaginação das pessoas em geral, uma vez que ainda buscam amor e paixão nos relacionamentos. Apesar desses resultados, o amor-conjugal, aquele baseado na amizade e no companheirismo, no cotidiano, mostra-se bastante fortificado quando comparado ao amor-paixão, aquele que é esperado e idealizado. Os participantes apontam que o casamento não é um lugar perfeito, mas, sim, um espaço onde existem conflitos e dificuldades a serem resolvidas, e que não há um casamento ideal, mas há a necessidade que cada um faça um investimento a fim de procurar uma comunicação adequada, bem como respeito e tolerância, para que as vantagens do casamento possam ser usufruídas, como: crescimento pessoal, realização afetiva e sexual, entre outras. A autora chegou à conclusão, por meio de sua pesquisa, de que a vida sexual dentro do casamento é importante, mas não é um fator tão fundamental quanto o amor, o companheirismo ou a amizade. Observou também que a maneira como a população brasileira vive a sexualidade é bem mais conservadora na prática do que a imagem hiper-sexualizada que a mídia em geral nos coloca atualmente.

A autora observou em seu estudo que a repressão sexual era uma característica comum e importante nos participantes. A maioria das mulheres descobriu a vida sexual no casamento, assim como os homens tiveram a primeira experiência afetivo-sexual no casamento também. Os casais entrevistados, em sua

maioria, conseguiram, por meio do casamento e conseqüente intimidade e proximidade, resolver suas repressões sexuais e construir uma vida sexual mais satisfatória e livre.

E é nesse panorama “complexo”, repleto de ambigüidades e conflitos que a conjugalidade atual se encontra. Esse fato causa, por muitas vezes, angústia e confusão, uma vez que não há mais apenas uma única e definida possibilidade de relação a ser seguida, há múltiplos modelos, sem a noção de certo ou errado. Isso é melhor no sentido de dar mais liberdade aos casais, que podem construir cada um o seu modelo de relação. Em contrapartida, é complicado e pode gerar angústia e sensação de se sentir “perdido”, já que se pode tudo e fica cada vez mais difícil adaptar esse “tudo” a cada parceiro que se encontra na vida (Norgren, 2002). No casamento por amor, as expectativas são um grande leque agora: felicidade, satisfação sexual, paixão eterna, amizade, fidelidade, ajuda mútua, auto-realização, companheirismo, constituir família, segurança emocional e financeira, entre tantas outras coisas que se espera da conjugalidade hoje.

Casamento ao longo do ciclo vital

Torna-se importante ressaltar que o casamento toma grande parte da vida adulta do sujeito. E este, fatalmente, sofre vários momentos de crise e, em conseqüência, há questionamento e necessidade de repensar o modelo de relação que se está vivendo. Para a compreensão de tantos ajustes individuais e relacionais, é preciso estar atento às mudanças e demandas acerca do ciclo desenvolvimental do indivíduo ao longo de seu envelhecimento.

Nos primeiros anos de casamento, o casal passa por diversas mudanças: deixa de ser apenas um para se tornar uma parceria; começa a se diferenciar de sua família de origem, negociando uma relação diferente com pais, irmãos, parentes e amigos; busca ajudar a inclusão de seu cônjuge na sua família de origem e constituir sua própria família, com sua identidade particular (Norgren e Souza, 2004). As lealdades e as fidelidades também devem se modificar, pois o compromisso prioritário agora é para com o cônjuge. O casal deve ser capaz de se adaptar quando as circunstâncias familiares mudam, preservando suas funções específicas, vitais para o funcionamento familiar, bem como desenvolvendo padrões em que cada um apóie o funcionamento do outro em diversas áreas, estabelecendo uma interdependência mútua (Minuchin, 1990). Nessas modificações, cada um é acrescido pelo outro, os ideais individuais passam a ser compartilhados e o casal deve construir um projeto comum, que dê sentido à vida, possibilitando a inclusão do projeto pessoal de ambos ou pelo menos o diálogo entre essas partes. Esse projeto de vida em comum vai se desdobrando, tendo de se ajustar à realidade do dia-a-dia (Norgren e Souza, 2004).

O relacionamento conjugal não é igual ao longo da vida do casal, mas se transforma a partir das mudanças pessoais, familiares, bem como das crises. Essas mudanças requerem ajustes por parte de cada um dos envolvidos, e estes são específicos aos diversos estágios da vida do indivíduo inserido em seu contexto familiar. Vários aspectos interferem no casamento ao longo tempo: as próprias necessidades do desenvolvimento individual e familiar que surgem como recurso ou como fonte de estresse; as características da própria relação conjugal; as características pessoais de cada um dos cônjuges; recursos do casal no enfrentamento de conflitos e crises (Norgren e Souza, 2004).

A partir do momento que o casal tem filhos, ocorrem mudanças importantes na relação. Os cônjuges serão obrigados a reorganizar seu estilo de vida e a construir o papel de cuidadores. As crianças menores demandam atenção e trabalho, alterando a dinâmica ocupacional de um ou dos dois cuidadores. Na maioria das vezes, quem acaba abrindo mão de seu projeto pessoal são as mulheres, que, por causa disso, ficam ressentidas com seus respectivos cônjuges. Associado a essa questão, o casal não tem mais tanto tempo livre para si, a atenção é compartilhada com o cuidado dos filhos, ou seja, não podem mais depender apenas um do outro (Carter e McGoldrick, 1995).

Conforme os filhos tornam-se adolescentes, acenam-se mudanças no casal. Os parceiros têm a sensação de que é preciso mudar enquanto há tempo, precisam tentar realizar o que desejam. Por isso, podem começar a questionar aspectos pessoais, profissionais ou conjugais, chegando, muitas vezes, a renegociar seu casamento. Com uma liberdade maior, eles experimentam a função parental, e nesse momento pode ocorrer um questionamento acerca dos motivos que os unia. Algumas mulheres tomam consciência dessa transição como uma libertação da dupla exigência da família e da carreira (Norgren e Souza, 2004).

Carter e McGoldrick (1995) indicam que, “quando os filhos saem de casa, o casal precisa renegociar o sistema conjugal como díade; desenvolver relacionamentos de igualdade com os filhos crescidos e re-alinhar os relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos, bem como lidar com a incapacidade e morte dos próprios pais”. Por conta disso, o vínculo conjugal, seja ele qual for, torna-se foco e ganha importância. A relação pode estar mais madura, estável e mais satisfatória do que em qualquer outro momento do ciclo vital, bem

como pode estar mais conflituoso e alienado. Portanto, as relações que se estabeleceram ao longo do tempo, os interesses compartilhados, a fidelidade, a sexualidade, as amizades e a relação com a família ampliada passam a ser objetos de questionamento. A posição diante dessas questões em geral são diferentes para homens e mulheres, uma vez que são influenciadas diretamente pelas expectativas socioculturais de cada parceiro, bem como pela vivência do casamento para cada um deles.

Em muitos aspectos, é preciso lembrar que a sociedade atual valoriza a mulher, em grande parte, por sua atratividade sexual, podemos observar esse fato por meio da mídia, onde encontramos diversos exemplos de catálogos e propagandas em que a mulher é vista ainda apenas como objeto sexual, e essas mulheres são, quase sempre, jovens. Portanto, envelhecer, para a mulher, pode representar mais uma perda no ciclo de vida, já que ela não se sente mais atraente do ponto de vista sexual (Norgren, 2002). Já o homem, à medida que envelhece, ganha, por muitas vezes, atratividade sexual, por conta de sua sabedoria, desenvolvimento profissional, experiência e *status*. Alguns homens acabam, nessa fase da vida, utilizando o sexo como forma de exercer seu poder, para muitas vezes, sublimar um vazio existencial decorrente da percepção do envelhecimento, negando de certa maneira a crise que essa fase devida naturalmente traz. Observam-se dois movimentos diferentes nessa fase: à medida que o sujeito depara com sua finitude, é comum realizar uma reavaliação de sua vida, e muitos sentem a necessidade e o desejo de ir em busca do tempo perdido e de sonhos que ficaram no passado; muitas vezes o cônjuge acaba sendo culpado dessa não realização. Já, outros, sentem-se bem e completos, com a sensação de que tiveram uma vida boa uma vez que realizaram muitos projetos.

Outro fator que aponta para a necessidade de revisão é o casamento dos próprios filhos. Ele estimula os pais a repensarem a própria conjugalidade, repensando expectativas, avaliando se essas foram atingidas ou não. A morte de pessoas próximas como pai e mãe, traz à tona fragilidades, evidenciando a necessidade de buscar uma boa qualidade de vida e o desejo de estar satisfeito com seus relacionamentos.

No que diz respeito aos aspectos econômicos, a sociedade ainda considera uma característica masculina a capacidade de prover o sustento familiar. Nesse sentido, a vida profissional ainda é muito importante para os homens e, para muitos deles, pode ser conflituoso ou difícil realizar o luto desse papel. A chegada da aposentadoria pode ser vivida como libertadora, como possibilidade de desenvolvimento de outras habilidades até então desconhecidas ou reprimidas, ou pode ser encarada como grande limitação associada ao sentimento de incapacitação e inutilidade. Qualquer um dos enfrentamentos colocados terá reflexos diretos na relação conjugal.

Na velhice, o casal tende a se sentir mais unido, pois depende cada dia mais do outro, recordam uma vida juntos (família, amigos, sonhos, experiências) e realizam uma reflexão acerca dos projetos que fizeram e dos que ficaram para trás. Muitas pessoas, ao deparar com a questão da finitude de si própria e de outro, buscam otimizar seu tempo e visam à qualidade das relações, investindo para viver melhor sua conjugalidade e o tempo que lhes resta.

Capítulo IV

Método

Foi realizada uma análise qualitativa das informações coletadas, já que esse tipo de investigação é “maleável no seu funcionamento” (Bardin, 1997), isto é, as interpretações foram baseadas na presença ou na ausência de informação e, não, na frequência com que apareceram.

Além disso, a pesquisa qualitativa “envolve uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo. Isso significa que pesquisas qualitativas são desenvolvidas em seu cenário natural, buscando compreender e interpretar o fenômeno em termos de quais os significados que as pessoas atribuem a ele” (Denzin e Lincoln, 1994).

Nesse caso, o relato do sujeito é a base de toda a análise, que valoriza a singularidade da expressão de cada indivíduo. Por essa razão, consideramos que a investigação não deve obedecer a uma “rota pré-fixada” (González, 1999), pois o pesquisador e seus participantes são ativos e seus pensamentos, sentimentos e ações influenciam a entrevista e, desse modo, constroem um processo interativo.

Para González (1999), a pesquisa em ciências humanas é um processo de comunicação entre o pesquisador e seus participantes, considerado um diálogo permanente que pode tomar diferentes formas durante seu desenvolvimento. O autor considera o sujeito um ser ativo durante a investigação, pois, ao responder às perguntas, realiza uma verdadeira construção a partir das suas necessidades e dos códigos sociais do meio em que vive, traduzindo sentimentos e pensamentos.

Desse modo, o participante é reconhecido em sua singularidade, como sujeito diferenciado e responsável pela qualidade de suas expressões.

Por fim, a escolha desse método se deu pela importância de poder refletir melhor sobre os comportamentos humanos, considerado seus significados e intenções (Guba e Lincoln, 1994).

Participantes: doze adultos de ambos os sexos que estavam vivenciando o processo de envelhecimento com idade entre 55 e 79 anos. Esses participantes estavam inseridos num grupo de apoio fechado (ou seja, não era permitida a entrada de novos membros a partir do início do grupo), no qual trabalharam questões referentes ao envelhecer. O trabalho foi desenvolvido num hospital-escola na cidade de São Paulo e teve duração de um ano. Esse grupo teve como objetivo principal a promoção da saúde, ou seja, a melhora na qualidade de vida dos indivíduos. O número de participantes variou por razão de faltas e desistências ao longo do ano. São algumas das características importantes dos participantes:

	Homens	Mulheres
Número participantes	4	8
Casados(as)	2	4
Casados(as)(2 vezes)	2	0
Viúvo(a)	0	1
Solteiro (a)	0	1
Divorciado(a)	0	2
Trabalham fora	2	3

Trabalham em casa	0	2
Aposentados(as)	2	3

Procedimento: As sessões do grupo de apoio apresentaram alguns temas específicos (relacionamentos familiares, sexualidade e vida profissional, entre outros) ao longo do ano e outros não (quando deixávamos o tema livre para verificar os conteúdos que emergiam espontaneamente do grupo). No que se refere ao trabalho em questão, foram desenvolvidas três sessões temáticas, com duração de uma hora e meia cada uma. Essas sessões foram inseridas no cronograma do ano a partir de um momento específico do processo grupal, no qual os participantes já haviam trabalhado diversos temas e estavam vinculados o suficiente para falarem sobre o tema da sexualidade, já que, em geral, os participantes apresentavam maior dificuldade e resistência para se expressar, por se tratar culturalmente de um tabu mesmo nos dias atuais.

Na primeira sessão, abordou-se o tema das primeiras experiências sexuais e dos valores que os participantes tinham na época da juventude, com o objetivo de verificar como foi o processo e a construção desses e também de captar quais eram os valores envolvidos na atual concepção de sexualidade deles. Para facilitar o desenvolvimento dessa sessão, pedimos para que o grupo se subdividisse em três e distribuímos como estímulos intermediários três grandes imagens de casais diferentes (Anexos), mas com características que possibilitassem que os participantes pudessem se remeter à época de juventude, favorecendo a expressão da mutação dos valores das décadas de 1960 e 1970, correspondente às figuras em questão (ver Anexos 1 e 2). Logo depois, pedimos para que cada pequeno grupo criasse uma história acerca da imagem correspondente, de como era o namoro

daquele casal, o que gostavam ou não de fazer, o que podiam ou não fazer, ou seja, discutiam sobre a história e apresentavam ao grande grupo posteriormente. Na segunda etapa, com o grupo aberto para discussão, foram apresentadas a eles imagens de casais contemporâneos (jovens e adultos), introduzindo-se a discussão sobre os valores atuais dos participantes sobre a sexualidade dos jovens e a sua própria (ver Anexos 3, 4 e 5).

Na segunda sessão, foi realizada uma vivência por meio de um psicodrama interno, na qual os participantes se imaginaram jovens novamente e, a partir desse lugar de jovem, imaginaram como seria a vivência da sexualidade quando tivessem por volta de sessenta anos. Para auxiliar esse processo usamos a música “When I’m sixty four” dos Beatles (foi usada para a escuta a música em inglês, sendo que, concomitantemente, os participantes tiveram em mãos a versão traduzida (Anexo 6). Essa sessão teve como objetivo a tomada de consciência das crenças e dos valores do grupo a respeito da sexualidade no envelhecimento, além de possibilitar a reflexão a respeito de como estes atuam na vida sexual atual, nessa nova realidade.

O tema da terceira sessão surgiu da própria necessidade do grupo, a partir das duas sessões temáticas anteriores, do que emergiu nos temas trabalhados. Produzimos, então, um material em uma folha sulfite, onde na parte da frente existiam oito pequenos quadros (ver Anexo 7) que representavam o ciclo vital. Pedimos aos participantes que preenchessem cada quadro com o que lembravam de importante/bom em cada fase, de forma livre. Já no verso, havia somente um grande quadro que deveriam preencher denominado “Os desejos para a próxima década” (ver Anexo 7-verso). Essa sessão tinha por objetivo verificar o que

realizaram de importante ao longo da vida para, posteriormente, refletirem acerca de seus desejos e metas para a próxima década.

Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo 8), autorizando o uso dos dados por eles fornecidos nas sessões de grupo.

Análise dos resultados: As sessões foram transcritas e fizemos uma análise de grupo para identificar os temas recorrentes, os quais foram, posteriormente, organizados em categorias. Fez-se também uma análise de gênero das informações coletadas quando cabível.

Capítulo V

Resultados e Discussão

Esta pesquisa procurou proporcionar uma escuta diferenciada das questões da sexualidade no envelhecimento, realizando uma análise que refletisse tanto os elementos comuns encontrados nas falas do grupo quanto às divergências, as intersecções e a singularidade de cada participante quanto à tomada de consciência do processo de envelhecimento e seus desdobramentos na vida sexual.

Nesse trabalho, ocorreram uma série de fenômenos semelhantes e outros divergentes nos discursos dos participantes, e que formaram uma “colcha de retalhos”, fato que permitiu nossa organização. Para auxiliar a compreensão do leitor, buscamos subdividir essa “colcha de retalhos” em alguns fragmentos, que em sua totalidade, fizeram sentido e se completaram, como uma orquestra afinada. Procuramos ser fiéis à nossa base teórica apresentada nos capítulos anteriores, como já colocamos. Em cada vinheta, ressaltamos que utilizaremos um nome fictício para a não identificação dos participantes, mas colocaremos a idade e estado civil, por considerarmos aspectos fundamentais para nossa análise.

Primeiramente, iremos realizar uma descrição geral sobre o que emerge no grupo como processo desenvolvimental relacionado ao envelhecimento dos indivíduos e posteriormente, esta análise será feita a partir da observação de como estão vivendo atualmente (perdas e ganhos) e de qual é a concepção de envelhecimento do grupo quando jovens, para então analisarmos seus conteúdos. No segundo momento exploraremos as perspectivas acerca da sexualidade no envelhecimento.

1- CONCEPÇÃO DE ENVELHECIMENTO

Torna-se importante discorrer acerca da concepção de envelhecimento que o grupo tinha na infância e juventude, para entendermos como essas crenças permeiam ou não a compreensão de como vivem esse processo nos dias atuais. As crenças e os valores dos adultos sobre o desenvolvimento psicológico nessa fase da vida, fazem parte de um sistema complexo de conhecimento sobre o ciclo vital e são por si só, um objeto de estudo de grande importância (González e Desfilis, 1996). Embora essas crenças possam vir a “aprisionar” o sujeito em determinadas atitudes cristalizadas, elas o auxiliam a se organizar diante do ciclo vital, promovendo o investimento em direção as metas evolutivas. Esse fato mostra o grau em que o sujeito se percebe como construtor ativo, isto é, como protagonista de sua vida.

A idéia de envelhecimento tende a ser demarcada na infância e na juventude, por meio de valores transmitidos pela família, entre outras influências possíveis. Com relação à idéia de envelhecimento que tinham na adolescência, nossos participantes nos contam que:

“...Para mim velho é quem tinha 40 anos pra cima. Achava ridículo uma mulher de 40 com minissaia”- Fátima, 79 anos, viúva.

“Eu sempre vivi o momento, nunca na minha juventude imaginei como seria no futuro quando eu ficasse velho. Vivia apenas o momento, mas quem tinha 50 anos eu já considerava um velho, isso eu me lembro, como se não tivesse mais o direito de fazer as coisas normais...” – José, 58 anos, casado pela segunda vez.

“Nunca pensei a respeito da minha velhice na juventude, não fazia idéia de como seria ficar velho. Sempre tive medo de ficar doente quando ficasse velho” .- Rodrigo, 70 anos, casado

A partir dos depoimentos acima, podemos perceber que eles trazem como semelhança, que na juventude quase não pensavam a respeito da velhice, ou seja, era vista como uma fase do desenvolvimento muito distante da realidade deles, como a maioria da população, que coloca a idéia de que velho é sempre o outro (Messy, 1992). A velhice era percebida pela maioria do grupo como uma fase “cindida” da subjetividade deles, e não como uma continuidade totalmente dependente de como eles viviam e construíam a sua juventude e fase adulta.

A idéia do que significava ser velho (com relação ao outro), como pôde ser vista nas vinhetas, é sinônimo, em sua maioria, de aprisionamento e decrepitude, como se a partir de cinquenta anos (em um dos depoimentos a partir dos quarenta anos), fosse impossível ter uma vida profissional, sendo quase impensável, uma vida sexual. É como se houvesse uma idéia de incapacitação generalizada, em todas as áreas da vida, seria a perda de um lugar de importância. E para eles, envelhecer, por muitas vezes, está estritamente relacionado a adoecer fisicamente. Segundo a literatura (Messy, 1992, Py, 2006), em todas as fases de nossa vida existirão perdas e ganhos, porém, só levamos em consideração as perdas relativas ao envelhecimento quando chegamos próximos à velhice. Um dos participantes nos fala:

“Sempre admirei os mais velhos pela sabedoria, mas nunca pensei nisso na minha juventude. Até hoje sou ruim de planejamento, não sei o que virá amanhã.”- Rogério, 69 anos, casado.

Neste depoimento acima podemos observar alguns aspectos diferentes. Podemos visualizar isso na concepção do velho como sábio, isto é, mais próximo de

como era visto na antiguidade, como o “guardião dos conhecimentos” e detentor de poder. Traz à tona a idéia de que na velhice teríamos o ganho de ter mais sabedoria e mais capacidade de resolver pequenos conflitos, que na juventude nos causavam mais ansiedade.

Portanto, a idéia de envelhecimento durante a infância e a juventude para o grupo era variada. Alguns focavam só as perdas, enquanto outros traziam uma idéia mais próxima da percepção de que há perdas e ganhos com relação ao envelhecimento, item que analisaremos a seguir.

2- PERDAS E GANHOS

Faz-se necessário apresentar o que apareceu no grupo com relação à percepção do que mudou com envelhecimento próprio, seja para melhor ou para pior, bem como lidam com essas modificações, sejam elas correlacionadas com o esquema corporal, cultura, família ou mudanças psicológicas.

Um dos temas acerca do qual converge o confronto do indivíduo com seu próprio envelhecimento refere-se às mudanças (perdas e ganhos), porque elas traduzem um cruzamento entre a concepção que traz de seu passado, do que ele tem como idéia de envelhecimento, frente ao conceito que ele deve manter e que já fora estabelecido ao longo de seu percurso. O sujeito depara com essas diferentes imagens que construiu ao longo da vida, e essa percepção influencia seus relacionamentos e, conseqüentemente, ele será “vítima” de sua própria concepção. Por isso, as idéias que ele construiu ao longo do tempo demarcarão a forma como ele irá envelhecer também.

Py (2006), que corrobora Messy (1992), faz referência ao envelhecimento como um processo sofrido e que sempre vem acompanhado de desamparo desde o

dia de nosso nascimento, e que se traduz “numa expressão das perdas sucessivas que acompanham a nossa existência” (p.11), sendo que a mais radical delas é a perda da vida, a morte.

A partir do processo de envelhecimento e da conseqüente aproximação da finitude, também é possível que os indivíduos possam produzir mais e viver melhor e mais livremente. A percepção do envelhecimento numa determinada pessoa pode ser a origem de desenvolvimento da capacidade humana de criar, pensar e, conseqüentemente, descobrir a vida (Torres, 1999). Podemos observar um desses exemplos no fragmento de sessão:

“ Hoje sou muito mais moderna com 80 do que na juventude, eu era muito medrosa, achava que se beijasse engravidava, ingênua...fui modificando ao longo dos anos a minha cabeça, com a ajuda do meu marido fui aprendendo as coisas da vida, ele teve paciência comigo, eu tinha medo das coisas que envolviam a palavra sexo, apesar de ter vontade na época, tinha medo”. Acho muito legal as pessoas curiosas mais velhas, procurando coisas na internet, sejam pesquisas ou relacionamentos. Sempre fui uma pessoa aberta, extrovertida e continuo sendo até hoje, por isso não me sinto só, sempre estou procurando preencher meu tempo com coisas interessantes, que me fazem sentido, pode ser ir ao shopping, fazer um curso, conversar com pessoas diferentes. Não sinto solidão por isso, preencho minha vida.”- Fátima, 79 anos, viúva

Nota-se, neste caso, que Fátima indica uma melhora significativa, a partir da velhice, na forma de pensar sua vida, apresentando, a partir da experiência, uma melhor aceitação de si mesma e das situações em torno dela, lidando melhor, assim, com seus conflitos, e conseqüentemente gerando menos estresse. E nos mostra também, por meio de seu discurso, a idéia de desenvolvimento ao longo da vida de Baltes (idéia de que o desenvolvimento do indivíduo é contínuo e ocorre até a morte), pois relata que sempre foi “uma pessoa aberta e continua sendo extrovertida até hoje”, fato que explica a aceitação da velhice como uma fase de

continuidade e de construção permanente, e não somente como “um susto ruim” que de repente chega para todos, em que ocorrem somente perdas.

Podemos perceber que o desejo de vida nesta participante continua ativo. Mostra-se, aos 79 anos, numa fase potencialmente produtiva. Ao dar valor a seu passado e as experiências vividas, pôde se reconciliar de forma adequada com seus desejos. Foi possível, nesse caso, ressignificar a vida ao inevitável estreitamento de possibilidades e prazos.

Outro depoimento refere que:

“Hoje gosto de ficar sozinho, quando estou bem com minhas outras relações, com as pessoas que amo, mas ao mesmo tempo, estou começando a me preparar para morrer, pois meu corpo já não responde da mesma forma e isso me deixa muito mal, pois vou morrer sozinho mesmo, mas sinto que não preciso mais tanto dos outros, da aprovação”-Rogério, 69 anos, casado.

Neste fragmento aparece a solidão como algo confortante, não como assustador, há uma aceitação da diminuição do círculo social e uma valorização da qualidade das relações a partir da velhice. Rogério não quer mais investir na quantidade e em relações que não valem à pena. Mostra não se importar tanto com o que as pessoas em geral pensam. Existe aqui um aumento da independência com relação ao que é socialmente aceito, das crenças mais convencionais e estereotipadas; há então uma liberdade maior, que nos traz como um ganho adquirido na velhice. Ele demonstra querer privilegiar as pessoas com quem tem uma qualidade importante nos vínculos afetivos e dedicar o tempo que lhe resta a elas, ou seja, seleciona melhor o foco e suas metas.

Por outro lado, aparece na fala dele também, em concordância com Macedo e Kublikowski (2000), uma dificuldade na adaptação de seu novo esquema corporal, tomando o envelhecimento como metáfora de morte e uma perda quase

melancólica de “um outro corpo”. O envelhecimento corporal e sua natural lentificação, exigem do indivíduo uma capacidade psíquica para poder viver um estranhamento corporal esperado, mas após isso, torna-se necessário para um envelhecimento com qualidade, poder aceitar e se adaptar ao novo corpo e ritmo. Notar que há um declínio físico mais definitivo e aprender a conviver com várias restrições que se impõe, seja de capacidade, de autonomia, ter a percepção da perda da conexão com o ritmo tecnológico do mundo, torna-se um desafio para esse homem, que alimentava, de certa forma, uma postura onipotente frente ao mundo.

Neste outro depoimento, a questão da solidão já aparece de maneira diferente:

“Hoje em dia me sinto muito sozinha, gostaria de ter mais pessoas perto de mim, sei que sou seletiva, sempre fui, mas acho que a minha solidão piorou muito com o envelhecimento. Está mais difícil fazer novas relações. Sempre fui tímida e insegura, mas com o envelhecimento acho que piorou. Minha solidão é muito grande nos fins de semana, pois não tenho mais família e amigos pra sair, os amigos são velhos ou casados e fica difícil arranjar companhia”-Cecília, 67 anos, solteira.

Nota-se que a solidão, nesse caso, é percebida como um aspecto negativo, isto é, uma perda adquirida a partir da fase de velhice. Segundo o relato acima, há uma diminuição do círculo social, seja por mortes reais importantes (pais e amigos), seja pela impossibilidade de encontrar pessoas mais frequentemente. Aqui aparece que, com o envelhecimento, há um progressivo isolamento e a perda também de algumas conexões com o mundo e suas inovações. Mas é importante ressaltar que essa dificuldade de se vincular (timidez) e construir uma rede social sempre existiu em sua vida, como a própria participante nos conta. O que acontece, muitas vezes, é que essa dificuldade em se relacionar é escamoteada durante a vida produtiva/ativa (anos adultos) do indivíduo, e torna-se uma realidade mais

dura/difícil uma vez que o indivíduo interrompe seu trabalho. No caso específico de Cecília, ela justifica no grupo que essa característica ficou mais acentuada por ser solteira, ou seja, por não ter tido nenhum relacionamento fixo, não teve filhos e conseqüentemente netos que pudessem preencher sua vida de alguma forma e lhe dar um novo papel. A participante ainda não encontrou uma nova possibilidade para sua vida após o trabalho, isto é, ainda não conseguiu focar o que quer investir prioritariamente em sua vida, que no caso dela parece ser o desejo da construção de uma rede social mais satisfatória. Considerando a perspectiva de Baltes (1991), que diz para se ter um envelhecimento bem sucedido é importante que o indivíduo seja capaz de selecionar metas e investir em questões mais importantes de sua vida, é possível perceber que a participante ainda não foi capaz de realizar esse processo otimizando seus recursos de forma adequada. Pois, nesse depoimento não conseguimos observar ainda uma reflexão significativa acerca das perdas que ocorreram, embora já exista nela uma tomada de consciência e o movimento em busca de transformação, já que foi procurar o grupo de apoio para tentar modificar alguns padrões em sua vida (queixa inicial).

Em outra vinheta podemos observar a interface com o depoimento acima:

“Acho que com o envelhecimento eu fui ficando muito seletiva, mas acho que até demais, me fechei muito. Acho que é importante também dar chance para alguma coisa acontecer e também experimentar coisas novas pra se fazer. Acho que estou muito fechada nas minhas idéias, nos meus conceitos, acho que é a hora de abrir um pouco a cabeça também, sem perder tempo com coisas que sei que não me fazem bem”.Cláudia, 58 anos, divorciada.

Neste fragmento, aparece uma ambigüidade, pois ela relata ter um ganho e uma perda numa mesma frase. Há um ganho quando ela relata que ficou mais seletiva com o envelhecimento, onde foca mais onde quer investir seus afetos para não perder tempo em relações ou situações que não a interessam. Nesse sentido,

corroborar o conceito de Baltes (1991) de otimização seletiva por compensação, que se trata de um processo no qual o indivíduo terá que ser capaz, apesar das limitações e perdas decorrentes do envelhecimento, de selecionar metas mais prioritárias e otimizar seus recursos internos para realizá-las, compensando assim, as perdas e as dificuldades psicobiológicas. Por outro lado, relata que, ser seletiva demais a prejudicou um pouco, pois acabou tendo um isolamento social por consequência disto. Acabou fechando portas para possibilidades de relação que poderiam ser interessantes, fato que aparece como uma perda. A compreensão das inevitáveis perdas progressivas que o envelhecimento traz, auxilia a aceitação e adaptação mais serena perante “as portas que se fecham”, mas a capacidade de compensar estas perdas, em contrapartida, aumenta, e a participante aprende a extrair mais prazer dos aspectos que estão ao alcance. Fica claro que ela aparece num momento transicional de seu ciclo vital, onde permanece em processo de mudança, ou seja, há uma reflexão a partir da tomada de consciência de que algumas transformações trouxeram ganhos, mas outras não. Então, Cláudia percebe que há a necessidade de reequilibrar algumas escolhas de sua vida, e esse fato nos mostra que a participante continua em processo de mudança e desenvolvimento.

Em todos os fragmentos o que pudemos perceber é que, embora alguns ressaltam as perdas como mais significativas e outros enfatizem os ganhos, todos os participantes se vêem como alguém em busca de uma transformação constante e melhor qualidade de vida. Todos possuem metas e desejos que gostariam de realizar, mesmo aqueles que estão com sintomas depressivos ou aqueles que enfatizam as perdas com a chegada da velhice.

3- E DEPOIS DE AMANHÃ?

As metas, ou seja, como os participantes se projetam no futuro e seus desejos relacionados são produtos da história de vida de cada membro. Não foi objetivo dessa pesquisa analisar profundamente a história de vida de cada um, mas é necessário que o leitor esteja ciente desse fato. Os sujeitos que apresentaram maior auto-estima, mostraram conseqüentemente, uma visão mais otimista das possibilidades, enquanto participantes com tendência a sintomas depressivos, vislumbraram mais facilmente a morte como projeção, não conseguindo enxergar as possibilidades que lhe restaram (Kamkhagi, 2007).

A atividade da terceira sessão possibilitou que esses conteúdos que analisaremos a seguir emergissem, na medida em que foi apresentada ao grupo uma folha sulfite com alguns quadros na frente, onde deveriam preencher por fase de vida aquilo que haviam realizado de bom em cada uma delas. Esse trabalho inicial serviu de aquecimento para a fase posterior da sessão, onde deveriam preencher um grande quadro no verso denominado “Desejos para a próxima década”.

Os depoimentos abaixo ilustram características semelhantes que apareceram como produto dessa atividade:

“Ter condições razoáveis de saúde. Ter uma morte tranqüila e rápida para não causar problemas para a família. Ter condições financeiras ao menos razoáveis e ter lazer (o máximo possível)”-Sílvia, 64 anos, casado

“Manter a lucidez, calma, para lidar com a vida. Tentar aprender o quanto possível. Cuidar para não deteriorar a saúde. Tentar captar sinais que servirão para a preparação do fim”- Rogério, 69 anos, casado

“Estar em paz com meus familiares, saúde, alegria, peço proteção a Deus e que nos dê muita fé e prosperidade. Peço para ficar curada desta depressão que me deixa preocupada e infeliz.”- Gisela, 69 anos, casada.

Nota-se que nestas três vinhetas há em comum o desejo mais relacionado ao corpo físico/saúde e por uma morte “tranqüila”, isto é, que não traga nenhum tipo de peso para os familiares, no sentido de cuidado e trabalho/esforço. Não há mais aqui, nestes depoimentos, sonhos, desejos e possibilidades relacionadas à própria vida produtiva e ativa, é quase uma “ante-sala da morte”.

Por outro lado, os fragmentos abaixo mostram desejos ainda a serem realizados com o tempo que resta, vislumbrando a velhice como uma fase de possibilidades, desejos e prazeres, não somente uma espera passiva da morte, mas, sim, no sentido de aproveitar o tempo que resta, selecionando prioridades e atividades que gerem satisfação, prazer e energia vital, ou seja, o processo de otimização seletiva por compensação (Baltes, 1987). São desejos que estão mais relacionados ao auto-cuidado, a perceber o que lhes faz bem e que sonhos podem ser resgatados. Nota-se, nesses discursos, uma capacidade importante dos participantes de lidar com as mudanças que ocorreram ao longo dos anos, conseguindo elaborar as perdas que aconteceram e, por meio disso, permitiram construir algo novo em suas vidas ou pelo menos ter o desejo disso, vislumbrando a possibilidade de novos arranjos.

Transmitir o conhecimento a outras gerações (filhos e netos) nessa fase da vida, segundo Kamkhagi (2007), torna-se também um desejo importante, pois, na velhice, eles trazem como muito satisfatório a transmissão de legados (intergeracionalidade) e a importância do lugar da família nessa fase da vida. Podemos perceber isso abaixo:

“Melhorar cada vez mais meus sintomas de insegurança, e partir para os próximos anos com alegria de viver, procurando me entender mais e entender também os outros com bondade. Pagar minhas dívidas que já duram por 10 anos. Ver meus filhos realizados e bem com eles mesmos. Desejo que eles sejam mais seguros do que eu. Poder saber ajudá-los sem magoá-los e criticá-los. Aceitar minhas “rugas” e meu envelhecimento, com a certeza de que a aparência não é tudo”. Nice, 55 anos, casada.

“Procurar viver em harmonia com os familiares e amigos e continuar em busca de novas amizades e aguardar o que o destino nos reserva”. Rodrigo, 70 anos, casado.

“Realizar meus sonhos. Ser feliz. Descobrir realmente o que me fará feliz. Ter saúde. E continuar me dando bem com a minha família”. Rita, 58 anos, casada

“Acertar na mega sena acumulada em pelo menos 20 milhões. Viajar muito. Trocar de casa. Trocar de carro e formar um grupo musical.”-José, 58 anos, casado.

“Nunca mais ter depressão nem síndrome do pânico. Voltar pra academia. Fazer algo construtivo como curso de pintura em tela”. Camila, 59 anos, casada.

“Ter mais companhia para preencher meus domingos. Viajar bastante. Gastar menos para não ter sentimento de culpa. Envelhecer com maturidade. Encontrar alguém, um amor. Menos ansiedade e tensão. Mais segurança.”-Cecília, 67 anos, solteira.

“Apenas viver, e viver bem, o que mais posso querer?”-Fátima, 79 anos, viúva

Podemos, por meio desses fragmentos, colocar que, a velhice, por muitas vezes, nos remete a afirmações de luto pessoal, sentimentos de perda, tristeza e morte (Kamkhagi, 2007). Porém, emergiram, em contrapartida, movimentos de busca, cuidados pessoais, projetos de trabalho, de lazer e de perspectivas amorosas. É importante ressaltar nesse momento que, apesar de os participantes ainda apresentarem desejos e metas, estes parecem ser muito mais referentes aos grandes idosos do que da população em torno de 55-65 anos (adultos), que, devido

ao aumento da expectativa de vida no Brasil (IBGE, 2006), tem pela frente, muito tempo a ser vivido. Esse parece ser um viés compreensível uma vez que se trata de um grupo terapêutico que é procurado por pessoas que hoje expressam baixa qualidade de vida, muitos até em contextos depressivos. Essa projeção para o futuro e sua qualidade, dependerá diretamente do que o sujeito construiu ao longo de sua vida, das crenças e dos valores que alimentou e daqueles que foi capaz de desconstruir. Esses fragmentos acima enfatizam e corroboram a concepção de que os participantes do grupo encontram-se num momento de reflexão e busca por mudanças (projetos), mesmo que alguns apresentem aspectos depressivos decorrentes das perdas que ocorreram com a tomada de consciência do envelhecimento.

A questão central é que, apesar de sintomas depressivos, sentimentos de isolamento, idéias irrealizáveis ou mais realizáveis a partir da reavaliação de vida, entre os nossos participantes há, com o envelhecimento, uma seleção de prioridades. Os indivíduos que, possivelmente ajudados pelo trabalho de grupo psicoterapêutico, conseguem tomar de consciência das perdas mas saber que estas devem ser compensadas, tornam-se capazes de se mobilizar e, assim, realizar uma seleção de metas prioritárias, já que há um real estreitamento de prazos, focando mais os objetivos principais de vida.

4-VALORES TRANSMITIDOS PELA FAMÍLIA ACERCA DA SEXUALIDADE: ALGUMAS DIFERENÇAS DE GÊNERO

Temos como pressuposto que o idoso de hoje foi uma criança, adolescente e o adulto de ontem. Por isso, é de extrema importância que busquemos compreender quais foram os valores transmitidos a eles, principalmente na infância e juventude, pois estas crenças fatalmente contribuíram para a forma de ver o mundo hoje (Murano, 2007).

As pessoas passam por transformações desde a concepção até a morte, e estas fazem parte de seu desenvolvimento em todos os sentidos, bem como da vivência sexual, que será constantemente construída, mas sofre considerável intervenção dos valores transmitidos pela família na qual o sujeito está inserido. Separamos as vinhetas de mulheres e homens neste item, na medida em que apresentaram características diferentes em relação ao gênero:

“... naquela época eu era mais alegre, por outro lado era mais triste. Não era permitido nada na minha casa, nada podia, não podia namorar, tudo era pecado em casa. Tinha que fazer tudo escondido, meus pais eram muito rígidos, não me deixavam namorar de jeito nenhum, até uns 30 anos isso. Depois de nove cinemas era que um cara pegava na minha mão naquela época. Na minha juventude, tinha muito medo dos homens, os achava ameaçadores. Sempre tive medo dos meus pais e de desobedecê-los...apesar de ter vontade de fazer coisas escondidas...Já minhas amigas eram diferentes de mim, mentiam, eram mais avançadas..”Cecília, solteira, 67 anos.

“...Me lembro muitas coisas boas da minha infância e juventude, eu ficava na praça namorando escondido, era ótimo, mas não podia falar nada para os meus pais. Meu pai era um português muito rígido, queria ficar me apresentando só filhos de portugueses, mas eu não queria e minha mãe também não, pois me dizia que eram muito machistas. Nada era permitido nessa época, não podia sair, só ficava no portão... A gente só ficava no portão, e quando saía era pra comprar algo, mas sempre tinha hora pra voltar, o tempo era escasso...Se atrasava, apanhava na certa. Eu era atrasada, retrógrada, tinha muito medo do meu pai dar algum escândalo, por isso, dificilmente mentia” Fátima, viúva, 79 anos

“...Na época de ginásio era tudo muito bom. Meus pais eram muito rigorosos, não podia fazer nada. Meu pai era muito bravo não podia namorar. Quando eu conheci meu marido já tinha 25 anos, então ele não pôde falar tanta coisa. Mas antes disto, o jeito era namorar escondido mesmo. Eu não me achava reprimida na época, mas sim obediente. Já minha irmã era diferente, mentia, se arriscava, eu não...não tinha coragem para isso. Naquele tempo era tudo muito mais difícil, tudo proibido!! Se fosse hoje com certeza não seria assim... Foram mudando meus valores, quando eu casei tinha pavor de relação sexual, pensava: Quantos centímetros tem esse negócio? Vai me perfurar? Será que vai me machucar? Como isso vai entrar em mim? Era pequena e magrinha, morria de medo! Achava perigoso, apesar de eu ter estudo, naquela época não se falava nada a respeito de sexo, então minha fantasia a respeito crescia...eu era muito “atrasada”. O que me permitiu mudar foi a relação com o meu marido, por meio da confiança, da intimidade, o jeito dele. Foi tudo muito legal e natural, depois foi a descoberta do sexo durante o casamento” Gisela, casada, 69 anos

Nos três depoimentos das mulheres, fica evidente a repetição do tema do que era permitido ou não para uma mulher naquela época, ou seja, dos valores atrelados a idéia de uma mulher “honesta”. Em todas as descrições, os pais eram bastante rigorosos com relação ou que se podia fazer, e não se falava a respeito de sexo, fato que, certamente, colaborava para ampliarem as fantasias a respeito do tema durante a infância e juventude. Tanto que, as três participantes só puderam desmistificar e aprender a realidade sobre a sexualidade com o passar dos anos, já na vida adulta, por meio de relações afetivas duradouras, duas delas por meio da intimidade com os próprios maridos, resultados que vão ao encontro da pesquisa de Araújo (1999). Nesse caso, a visão afetiva-sexual dessas mulheres delineia-se, em grande parte, em conformidade com o que a família transmite como valor do que é ser mulher e ao que cabe a elas, isto é, o que uma menina/moça deve ou não fazer. Nas vinhetas temos uma amostra de como foram passados os valores pautados nos esteriótipos sociais construídos ao longo da história, como: uma mulher deve ser submissa, recatada, não demonstrar nenhum interesse sexual,

deve ser frágil, dócil e reservada (Macedo, 2007). Esses valores sexuais transmitidos as participantes são evidentes e repetitivos, o que nos faz refletir sobre como elas viveram e atualizaram ou não esses valores, que é o nosso objeto de estudo, que será discutido mais adiante. Já com relação aos homens, a transmissão de valores é bem diferente:

“...Sempre fui visto na minha família desde pequeno como “o reprodutor”, que tinha que procriar a todo custo, então a questão da sexualidade na minha juventude e infância sempre foi muito estimulada lá em casa, nem um pouco reprimida...a gente era meio largadão mesmo...Eu tinha que ter filhos, essa era a idéia passada. Por isso, sempre foi normal...não era nada proibido. Por outro lado, naquela época eu era bagunceiro, não queria nada de compromisso sério com ninguém, queria sair e curtir. Até pensava em ter uma família, mas só quando desse. Tinha que ter filhos logo e pronto, depois era pra esquecer essa história de sexo. Foi o valor passado pelos meus pais. Mas, eu via exemplos que me mostravam o contrário, como um vizinho meu de 90 anos, que tinha uma namorada sim...então aquilo me deixava mais animado, não criei essa idéia na minha cabeça.” Sílvia, casado pela segunda vez, 64 anos.

“... Foi muito boa essa época, pois não tinha responsabilidade alguma, não tinha conta nenhuma para pagar, não trabalhava...A vida era só estudar e pensar em namorar, beijar, paquerar, sair, que delícia. Ia muito a bailes, formaturas, tinha muita diversão. Comecei a namorar com 13 anos, eu era muito livre, a levava para minha casa, eu tinha liberdade dentro de casa. Rolou de tudo com essa menina. Meus pais trabalhavam muito e não tinham nem tempo de proibir nada, a gente ficava meio solto mesmo, na rua e tal. E para todo mundo a gente falava que era amigo somente, pra ninguém ficar enchendo e com esse rótulo, a gente tinha “livre trânsito” um na casa do outro” José, casado pela segunda vez, 58 anos

“...Na minha casa era muito livre na minha juventude a questão da sexualidade, era muito estimulada até, mas ao mesmo tempo, não era falado nada a respeito, era um tabu, falavam que os filhos vinham da cegonha, pode? Tive meu primeiro relacionamento sexual aos 16 anos e com uns 20 anos já queria casar constituir família, não casei com a mulher por que eu era apaixonado, mas a minha esposa também era muito legal”.Rodrigo, casado, 70 anos

“... Aprendi quando era jovem tudo na rua, estudava em colégio de padre. Tocava saxofone nessa época, era um sonhador, queria ser um monte de coisas. Tinha uma zona na minha rua, era livre não por filosofia, mas porque era meio abandonado mesmo. Mulher só tive na zona até me casar. Não tive nenhuma namorada na juventude, era muito tímido, e na zona não precisava conversar. Minha mulher foi minha primeira e única namorada.” Rogério, casado, 69 anos

Nos depoimentos masculinos podemos observar uma transmissão de valores, assim como um tipo de educação, radicalmente diferente do que no caso das mulheres. Enquanto para as mulheres era proibido quase tudo por conta da educação rígida a qual eram submetidas, onde o sexo era visto como pecado ou algo ruim, os homens desse grupo foram educados da forma prescrita para o modelo masculino da época, de “macho” com relação à sexualidade, não com consciência disso, ou seja, por filosofia, mas sim por falta de cuidado, como diz um dos participantes: “a gente era criado meio solto mesmo, largado...”, apesar de não ser um assunto falado entre a família. Os homens, de maneira implícita, eram estimulados a ter relações sexuais, pois se acreditava que isso legitimava a masculinidade. Os pais não controlavam os homens com relação ao sexo, bem como a nenhum tipo de assunto na verdade. Com relação ao homem, espera-se que este seja forte, decidido, que tenha iniciativa, que seja racional e que “saiba se virar”, sem precisar muito dos pais, ou seja, não precisavam ser assistidos de alguma maneira (Macedo, 2007).

Essa visão dos participantes pode ser explicada, em grande parte, pela concepção de gênero como tradução de sistemas culturais, que foram sendo construídos ao longo da história da humanidade como vimos no capítulo III. Parece que é como se homens e mulheres vivessem em mundos distintos, de um modo que meninos e meninas são educados de maneiras completamente diferentes e separadas, seja na forma de se portar, de agir, de se comunicar, de desejar, bem como na forma de lidar com a sexualidade. Essa dicotomia está bem representada nos depoimentos dos participantes de nossa pesquisa. Podemos notar claramente as características ditas femininas e masculinas e o que cabia a cada um deles na época de infância e juventude, com papéis bem delimitados pelos pais e

cuidadores. Por isso, ao se tratar da sexualidade, não podemos, de forma alguma, ignorar as concepções de gênero construídas na cultura e veiculadas pela família e pela sociedade, pois será a partir delas que o indivíduo atualizará ou não seu quadro de crenças, por meio da experiência sexual concreta na vida adulta e posteriormente na velhice, agregando-se no que se refere aos nossos participantes, o rompimento de valores quanto à vida sexual nos anos 70 do século XX.

O que se evidencia nesta categoria de análise é a grande diferença entre a socialização de mulheres e homens, onde as mulheres eram obrigadas a não fazer determinadas coisas (educação mais rígida que a dos homens em todos os sentidos), bem como eram proibidas de expressar claramente seus desejos na esfera sexual, embora o sentissem. Enquanto aos homens era permitido quase tudo, pois eram educados sem muitas regras, eram livres não por escolha, mas “porque os pais os deixavam soltos mesmo” (como eles relatam nos depoimentos). E será dentro deste contexto de educação que eles irão viver as transformações dos valores sexuais ocorridas nas décadas de 1960 e 1970.

5-Valores em Transição

Para tentar captar os valores que os participantes tinham internalizado, utilizamos cinco figuras diferentes (ver Anexos) com objetivo de que emergissem, por meio da projeção, conteúdos referentes a crenças e valores que foram construídos e como foram se atualizando. As figuras tentaram simbolizar e abarcar alguns períodos referentes à infância e adolescência dos participantes (anos de 1950 e anos 1960), bem como fotos mais atuais com diferentes consignas.

5.1- Anos 50 –Figura 1

Com relação a essa figura, o grupo trouxe algumas frases interessantes para buscarmos compreender os valores que identificaram na época:

“É um casamento de fachada, daqueles bem arranjados, por isso vão ter problemas com certeza, pois ela é mais leve, e ele muito durão, porém será um casamento daqueles que “vai funcionar”, vão ter 3 filhos e parecem felizes para os outros, ela fica esperando que ele mude...” –Cláudia, 59 anos, divorciada

“Eles se conheceram numa festa, ela é mais solta e ele mais rígido. Mas são companheiros, apesar de não ter amor na relação. Rogério, 69 anos, casado.

Nestes comentários a respeito da figura que faz referência a um casal nos anos 50 (Anexo 1), podemos perceber a noção de casamento associado a um “negócio para a vida toda”. Esta idéia está em concordância com o que Hackstaff (1999), indica em sua pesquisa, onde mostra a concepção de casamento relacionada a uma certeza absoluta, onde se busca a durabilidade eterna. O que nós podemos apreender nestes dois primeiros fragmentos é a grande diferença entre homens e mulheres. Eles, nesta figura, delimitam um casamento chamado tradicional, onde existe complementariedade e divisão clara dos papéis ditos masculinos e femininos. Torna-se importante ressaltar que os valores referentes ao amor-paixão, ou seja, o amor atrelado a satisfação conjugal não aparecem nessas vinhetas. Já os valores como companheirismo e durabilidade foram o que mais ficaram claros nos depoimentos, retratando bem a figura e a época a qual ela corresponde (anos 50). Os casamentos eram realizados por amor-paixão, porém essa união era entre dois desiguais permeados por valores muito rígidos da época em questão. O cônjuge normalmente amava o amor em si e não ao outro, pois

geralmente não o conhecia a ponto de amá-lo, o que realmente importava era o projeto de idealização do outro, essa era a noção de amor-paixão nos anos 50 (Giddens, 1993). Casar-se e ter filhos era a única possibilidade de projeto de vida, tanto para os homens quanto para as mulheres. Os participantes retrataram bem o conceito casamento entre desiguais da época e a última vinheta assinala que na medida em que a pessoa toma consciência desse tipo de casamento, ela pode refletir a respeito deste antigo modelo e ter a possibilidade de transformar-se e reavaliar/reatualizar seu relacionamento atual, mesmo tendo vivido esse tipo de relacionamento desigual. O fragmento abaixo é um dos exemplos dessa desconstrução de valores e da possibilidade de reatualização de conceitos e idéias referentes ao casamento:

“É um casal equilibrado. Ela não vai pensar muito a respeito do casamento, não terá grandes crises existenciais ao longo da vida, só na velhice (e se eu tivesse casado com outro? E se tivesse ficado solteira? Fui feliz esse tempo todo?)...coisas deste tipo...” Rogério, 69 anos, casado.

5.2- Anos 60 -Figura 2

Com relação aos anos 60 (Anexo 2), temos que:

“É uma cerimônia civil e depois uma comemoração simples, é um casal feliz que está apaixonado, bem anos 60. Eles eram bem mais avançados, podiam fazer de tudo, transavam livremente, eram bem liberais” – José, 58 anos, casado pela segunda vez

“Ela não usou a pílula, pois ainda não existia na época. Eles terão três filhos. Eles tinham um apartamento onde transavam escondido. Pai e mãe não foram no casamento pois eram contra a gravidez, não estavam de acordo, mas eles estavam felizes e apaixonados” –Fátima, 79 anos, viúva.

Nestas frases já começamos a observar um retrato de época onde a virgindade deixa de ser um valor fundamental, a pílula anticoncepcional já aparece

nas descrições, enfim, é a ruptura com os valores de virgindade com relação à mulher. Podemos observar que a idéia de engravidar antes do casamento, embora seja vista negativa, já não é considerada tão transgressiva como anteriormente, ou seja, já não compromete a possibilidade da mulher não casta se casar. Mas, nessa direção, o casamento ainda surge como uma “salvação”, como norma do que se espera de um homem: quando uma mulher engravida deve-se casar com ela.

Em outro fragmento também já começa a aparecer a possibilidade de que “vão se separar”(sic). Mas essa perda da durabilidade a qual se referem nossos participantes parece ser muito mais uma punição social por terem feito uma transgressão do que uma reflexão acerca da satisfação conjugal; por outro lado, a sexualidade começa a ser um valor que permeia a relação e, portanto, torna-se fator que colabora para a desestabilização do casamento. Isso só foi possível por meio da Revolução Sexual no Brasil, pois foi a partir dela, que temas como gravidez, sexo antes do casamento, paixão, desejo e sexualidade puderam ser revistos e aceitos de alguma forma. Nessa época, segundo Priore (2005), há transformações políticas, econômicas e sociais muito importantes, como já vimos no capítulo III, e estas modificações também foram sentidas no campo da intimidade.

A aceitação do desejo bem como do sexo antes do casamento começa a ser expandida, principalmente por meio da criação dos métodos contraceptivos sintéticos, que de alguma maneira, auxiliou a libertação sexual. Os indivíduos mostram a realidade da época, ou seja, eles tomam consciência dos valores que permeiam a vida deles e como são afetados por eles. Os sujeitos que se casaram num quadro de valores mutáveis mesmo que tenham se casado com valores anteriores, tiveram que atualizar seus valores de alguma maneira, seja por vontade

própria, de forma natural, seja por uma crise que passaram que os obrigaram a isso. Na vinheta abaixo, podemos visualizar os valores em mutação, pois já aparece a aceitação da gravidez antes do casamento como possibilidade, bem como surge a questão do “separar-se”:

“É um casamento mais avançadinho, ela já está grávida,, faziam de tudo... É na década de 60. Tinham um tipo de lugar que transavam sempre, que saudade dessa época, era muito boa, mas é um casamento que não irá durar pra sempre, vai ser um tempo e só, quando enjoarem um do outro, irão se separar” –José, 58 anos, casado pela segunda vez

Apesar desse depoimento nos indicar alguns avanços em termos de aceitação de sexo antes do casamento, bem como a idéia de se buscar a satisfação sexual/conjugal, ainda surgiram alguns valores arcaicos ou normas implícitas. Pois, novamente surge a questão da durabilidade, não num tom de liberdade e tranquilidade, mas sim num tom de punição, questionando até que ponto a consequência da transgressão (prazer) não significa a perda da durabilidade do casamento. E este parece ser o grande conflito dessa geração que viveu a juventude nessa época (anos 50,60 e 70) porque, apesar de terem vivido na época do surgimento/experiência do divórcio, este não é encarado por eles como um evento previsível que visa a satisfação conjugal ou a qualidade da relação, mas sim, ele é visto ainda como um fracasso individual/punição, e essa crença permeia a vida deles até hoje, pois permanecem na idéia de desejarem a qualidade da relação, mas ao mesmo tempo, também não querem abrir mão da durabilidade do casamento.

5.3- “Jovens casando” –Figura 3

“Acho que os casamentos não duram mais tanto hoje em dia, virou comum essa coisa de separar na primeira dificuldade, quando a pessoa se frustra, separa e

pronto, as pessoas não suportam mais passar por coisas desagradáveis como antigamente” -Cláudia, 59 anos, divorciada

“Os casamentos hoje em dia estão superficiais, os jovens não sabem o que vão passar, não se preparam para isso. Não é só a festa, é muito mais que isso” -Cláudia, 59 anos, divorciada

Na maioria dos depoimentos, percebemos certo rechaço em relação a essa nova perspectiva da relação onde a duração já não é importante, trazendo à tona a concepção de que as pessoas pararam de dar importância a determinados valores, (duração, tolerância, respeito entre outros) porém, essa análise é parcial. Trazem a idéia de que há uma superficialidade com relação aos casamentos realizados pelos mais jovens (Anexo 3). Existe a crítica de que, casais jovens, apesar da liberdade sexual que desfrutam, não têm maturidade emocional para lidar com situações conflitantes, isto é, com as dificuldades do cotidiano e com o modo de ser do outro. Eles relatam que a tendência é terminar o casamento na primeira dificuldade. Por outro lado, o fragmento abaixo aponta que a convivência é que às vezes torna o casamento insuportável, fator que irá aparecer quando eles analisam os próprios relacionamentos. Por isso, acham que nos casamentos atuais, existe uma vantagem já que ambos são muito ocupados. Trazem também o tema da individualidade de maneira implícita, como fator fundamental para dar suporte à qualidade do relacionamento.

“É um casamento que vai dar certo, porque eles se vêem pouco, os dois trabalham bastante, e chega em casa não tem tempo pra discutir, estão cansados e vão dormir. Antigamente era insuportável, a gente tinha que se agüentar quase o dia todo.”- Fátima, 79 anos, viúva.

A despeito de em nosso grupo terem duas mulheres divorciadas e três homens, que não só se divorciaram como se casaram novamente, com essas experiências de separação/ rompimento, a idéia da durabilidade é um fator importante de compreendermos. Mas, pelos depoimentos deles, é possível entender que a concepção de casamento ainda está voltada para os valores de duração e tolerância, e que nesse sentido, o rompimento significa então um fracasso individual e não uma possibilidade de busca de satisfação conjugal, dos valores que segundo Hackstaff (1999) caracterizam a cultura do divórcio, no sentido de que casamento é uma possibilidade e não uma obrigação, no qual o conceito de satisfação conjugal é fundamental.

A verdade é que existe para os participantes um conflito contínuo, pois eles não pensam como os jovens que estão se casando agora (no sentido de uma aceitação do divórcio como possibilidade de satisfação pessoal e não correlacionado a fracasso individual) e nem estão satisfeitos com os relacionamentos em que eles estão envolvidos no momento. Os participantes que se casaram nos anos 50 e 60, mantém como valor internalizado a durabilidade que entra em conflito com sua insatisfação conjugal. Por isso há também uma tendência do grupo em manter o modelo de relação antigo, criticando assim os modelos atuais de relacionamento, e mantendo-se então numa posição mais conhecida, porém não menos conflituosa para eles.

5.4- “Casados há 40 anos”- Figura 4

Nos excertos a seguir, há um questionamento constante acerca da vida conjugal/casamento como uma experiência satisfatória (Anexo 4). Para a maioria

dos participantes, a vida conjugal está diretamente associada à amargura e um conseqüente “aprisionamento”. Trazem a idéia de que acham difícil ter uma relação satisfatória e duradoura.

Parece que o casamento é algo que piora a vida das pessoas e que gera acomodação, e que por isso, torna-se sufocante e infeliz com o tempo. As pessoas sentem-se “presas” e deixam de fazer atividades que gostavam anteriormente. O casamento para os participantes do grupo está relacionado diretamente à rotina/fracasso/prisão (mais acentuado esse traço nas mulheres, pois ainda hoje, reclamam se “dar e entregar” muito mais ao casamento do que os homens).

Podemos visualizar esses aspectos nas frases abaixo:

“Passa menos emoção, parece um casal hipócrita, que chega numa festa e posa, mas que no fundo são infelizes, não se gostam”. José, 58 anos, casado pela segunda vez.

“Eu acho uma delícia ver um casal junto assim, coisa que eu nunca tive no meu casamento, gostaria de ter esse carinho, compreensão...tomara que um dia encontre, mas as vezes acho que isso não existe, que tudo parece um fingimento até conseguirem o que querem: sexo”- Rita, 58 anos, casada.

“Acho que o casamento em geral, e no meu caso, me fez mal no sentido que me dei muito, deixei de fazer coisas que gostava, e as obrigações foram ficando cada vez maiores e fui me esquecendo, só cuidei dos outros e deixei minha vida de lado... Hoje não quero mais só cuidar de marido e filhos, preciso me redescobrir...-Nice, 55 anos, casada

Podemos analisar por meio das frases que, o casamento para os participantes não é visto nem como uma alternativa/solução para a solidão que se referiram no item das perdas com relação ao envelhecimento. O que nos faz refletir que nem os aspectos correlacionados ao companheirismo, presença, conseguem ser vistos como fatores positivos do casamento, que volta a indicar a existência de relações insatisfatórias, e de indivíduos que não conseguiram atualizar seu

relacionamento conjugal a despeito de terem que ter, obrigatoriamente, convivido com a mudança de valores em relação a qualidade da relação e a presença da satisfação conjugal como um elemento de conexão, que nos remete novamente ao estudo de Norgren (2002), que nos coloca que o casamento pode durar de maneira satisfatória se o casal for capaz de atualizar e co-construir o relacionamento de forma constante. Particularmente, no caso dos nossos participantes isso não foi possível, pois parece que as convenções e normas sociais têm um peso muito grande.

5.5- “ Os Ficantes”- Figura 5

Para essa figura (Anexo 5), foi dada a consigna de que era um relacionamento livre, que apenas “ficavam”, para podermos verificar a existência de uma conjugalidade estabelecida e avaliar a possibilidade de se ter um relacionamento onde a base sexual fosse importante, ou seja, um relacionamento mais contemporâneo, mas por pessoas que como eles (participantes do grupo) fossem mais velhas também. A figura em questão coloca em evidência o limite do valor. Alguns dos comentários dos participantes foram:

“É uma coisa mais solta, gostosa, sem obrigação, pra sair, conversar e só se divertir...é ótimo.”-Cláudia, 58 anos, divorciada.

“Acho maravilhoso poder ter alguém do lado para compartilhar as coisas, para ver um filme, para discordar, eu acho o máximo, quando se enchem um do outro cada um vai para sua casa” – José, 58 anos, casado pela segunda vez.

“Acho possível se encontrar assim, de vez em quando, só para sair, se divertir, fazem de tudo, para transar, se amassam, os dois parecem felizes. Se dão bem em todos os departamentos ...de cima a baixo, rrsrrs” –Rogério, 69 anos, casado.

“Esses ficam? Com essa idade? Duvido...- Cecília, 67 anos, solteira

Podemos perceber a existência do desejo por uma relação desta forma mais livre, e isso implica em não estar preso a obrigações e convenções. Há uma tomada de consciência de que a realidade conjugal pouco resolvida deles está muito relacionada às convenções e normas, que foram identificadas como muito opressoras e aprisionantes.

Por meio das vinhetas, podemos observar a idéia de falta de compromisso, ou compromisso não tão sério associado à satisfação, no qual só acontecem e compartilham coisas boas. O relacionamento amoroso torna-se então um objeto idealizado. No estudo de Norgren (2002) sobre os casamentos de longa duração, o tédio e a repetição são fatores que, tanto os casais insatisfeitos quanto os satisfeitos em sua conjugalidade, colocam como um dos aspectos mais fundamentais para se evitar, como uma demanda para a duração do relacionamento. Nesse sentido, os participantes referem que há uma vicissitude do cotidiano conjugal que parece ser o grande fator de insatisfação. Uma relação mais livre, torna-se objeto idealizado, como se não fosse possível ter uma relação livre e satisfatória dentro de um casamento. Apesar disso, sabemos que o trabalho de Norgren (2002) indica que é possível a satisfação nos casamentos de longa duração quando o casal consegue construir conjuntamente a relação, respeitando o espaço de cada um, isto é, buscando um equilíbrio entre individualidade e conjugalidade, compartilhando interesses comuns, mantendo um bom relacionamento afetivo-sexual, atualizando valores e crenças pessoais, tentando evitar o tédio e a repetição.

Em concordância com os resultados de Norgren (2002) os participantes parecem valorizar no sentido da satisfação, uma espécie de imprevisibilidade, onde não há um cotidiano dito como fator “massacrante” em um relacionamento (como relatam ter no casamento deles próprios). É como se os envolvidos na relação entrassem somente em contato com as coisas boas de cada um, e quando comessem a se estressar ou conflitar, cada um pudesse ir para sua respectiva casa, já um relacionamento mais sério como o casamento, relatam (o grupo) que traz aprisionamento e infelicidade, na maioria dos casos. Mostram que quando não é permeado pelo valor do casamento, o descompromisso não é um problema. Por isso, o desejo que demonstram por uma relação mais livre e satisfatória é tão conflitante, pois ainda não conseguem se desprender da “Cultura do Casamento” (Hackstaff, 1999), que não é satisfatória para eles, como eles trazem nas vinhetas.

Torna-se importante considerarmos o quanto os participantes são permissivos e como atribuem um valor idealizado a relação do “ficar”, associada ao descompromisso e aos jovens. Eles relacionam o “ficar” como uma possibilidade agradável (não negativa) também para adultos e idosos, assim como uma saída para evitar o tédio no relacionamento. É possível pensar que os participantes não conseguiram atualizar os valores em suas próprias conjugalidades, visto as diferenças associadas às figuras 4 e 5 (Casados e Ficantes), e esse conflito é o que vai emergir no descompasso da relação diária deles.

6- O masculino e o feminino nos relacionamentos

Até hoje, em nosso cotidiano, podemos perceber a presença dos papéis estereotipados transmitidos desde a antiguidade. O entendimento e percepção de

como esses papéis foram transmitidos e de que maneira estão internalizados no sujeito, torna-se fundamental para a compreensão da vida sexual dos participantes do nosso trabalho, no contexto de uma política de gênero. Segundo Macedo (2007), nossa sociedade coloca, e sempre enfatizou na verdade, alguns papéis fundamentais para a mulher, sendo eles: de esposa, mãe, dona-de casa, cuidadora (filhos e marido), romântica e que se entrega mais (muitas vezes submissa) num relacionamento do que o homem, ao mesmo tempo em que valorizou diferentemente às atividades masculinas e femininas. Mas torna-se bastante difícil ainda livrar-se desses estereótipos, ainda mais quem vive a velhice hoje, na medida em que cresceu e se desenvolveu numa época em que não era tão comum a mulher no ambiente de trabalho, e não lhe restavam muitas possibilidades além dos papéis que citamos acima. Em algumas frases, podemos observar a presença dos papéis estereotipados:

“Acho normal, não tem mais aquela obrigação chata do casamento para a mulher: lavar, passar, cuidar do outro...acho ótimo ficar nesta idade” –Fátima, 79 anos, viúva.

“Ele é o provedor e ela cuida das coisas dele e dos filhos, é um casamento que vai funcionar, digamos assim. Um casamento sem romantismo, morno, por isso vai durar bastante, cada um vai ter seus papéis determinados e vão se acomodar” – Cláudia, 58 anos, divorciada.

“Acho que até hoje em dia é assim, as mulheres se entregam muito mais no relacionamento, são muito mais românticas e por isso sofrem mais também” – Marina, 62 anos, divorciada.

Existem representações sociais diferentes, segundo Paschoal (2006). A representação social acerca do homem deve ser da esfera pública, ou seja, com um trabalho, uma atividade externa, ele é o provedor econômico, é o líder familiar, tem mais domínio e poder e impõe mais o ritmo das coisas, ou seja, tem uma posição

mais ativa no âmbito familiar. Já a mulher é da esfera privada, pois tem os afazeres domésticos, exerce o papel de mãe, de avó, de cuidadora, esposa, ou seja, a rainha do lar, mas como certa submissão (Paschoal, 2006). Outros exemplos de vinhetas em que podemos verificar a presença desta influência dos papéis estereotipados (anos 50, 60 e 70) são:

“Ela está feliz apesar de tudo, do arranjo...ele está casando obrigado pela família. Mas ele vai ser um ótimo provedor”- Marina, 62 anos, divorciada.

“Acho que eles se dão bem na cama e ele vai ser um ótimo pai provedor e distante, mas será um ótimo avô, não tem amor e paixão nesse casamento” –Cláudia, 59 anos, divorciada.

Situações que fogem desse padrão de papéis já conhecidos são entendidas muitas vezes pelos participantes do grupo não como uma nova possibilidade, mas como uma questão que está fora do padrão, isto é, errada, embora esse cenário já esteja sendo encarado com mais naturalidade pelas novas gerações.

Porém, quando os participantes se referem ao seu próprio relacionamento conjugal (onde viveram e muitos ainda vivem casamentos ditos tradicionais) ou à idéia a respeito dos papéis masculinos e femininos dentro de uma relação, eles se remontam a uma perspectiva bastante rígida e que traz a impossibilidade de irem além dos papéis prescritos e conseguirem atualizar, nas suas próprias experiências, as expectativas de satisfação. A instituição do casamento permanece sendo percebida como um modelo que traz alguns dos valores de satisfação, mas, na verdade, como algo não atingido por nenhum deles, que parecem ter desenvolvido casamentos com rígidas separações de valores, onde para as mulheres, a relação torna-se um conjunto de tarefas associadas ao cuidado, e para os homens, a responsabilidade de ser o provedor financeiro (Macedo, 2007).

A maioria do grupo mostra que, com relação à vivência da sexualidade e suas diferenças de gênero, há o desejo pelo sexo genital (no caso dos homens) ou por um relacionamento amoroso (homens e mulheres). Os depoimentos das mulheres nos trazem que:

“Hoje, me sinto muito fria, o meu marido tem 70 anos, acho que ele já deveria estar mais “calmo” em relação a sexo, mas não, continua me desejando, mas eu não tenho mais vontade. Gosto quando ele me faz um carinho ou passa a mão em mim de forma mais íntima, mas do ato sexual em si, não tenho um pingão de saudade, não sinto mais necessidade. Não sei se é por conta do meu problema emocional (depressão leve), pode ser, mas nunca fui fogosa, desde a juventude. De forma geral, vivemos bem, somos companheiros, fazemos tudo juntos, nos ajudamos e para mim isso é tudo que posso querer” – Gisela, 69 anos, casada.

“Não me imagino ficando com ninguém, mas gostaria sim de ter alguém para conversar, pra sair. Mas um namoro, algo mais conservador, parecido comigo. Fico com vontade de ter alguém quando vejo os casais felizes, queria um companheiro... não só para sexo, aliás, nem sei se quero sexo. Faz tempo que isto não acontece na minha vida. Queria também ter mais amigos, acho que hoje as pessoas são mais fechadas, são casadas ou são velhas, é mais difícil fazer amizades depois que envelheci. Adoro sair e viajar, mas queria ter com quem.” – Cecília, 67 anos, solteira.

“Eu sou viúva, não tenho ninguém agora, mas não quero mais ter aquele trabalho mais, cuidar de doença, tira o velho do sol, coloca o velho no sol, estou fora! Não quero problemas agora. Sempre fui tranquilo com relação a sexo, meu marido tinha que me implorar, dou graças a Deus que não preciso mais fazer sexo, para mim era uma obrigação. Nunca fui fogosa, nem ligava, sempre tive outros desejos e interesses: limpar, passar, cuidar de filho, costurar, passear. Nunca me preocupei com sexo, nunca gostei. E hoje, continua assim, prefiro ir ao meu curso de pintura, porcelana, vir aqui, fazer compras na rua 25 de março, ver vitrine e ir ao supermercado, é do que gosto mesmo” – Fátima, 79 anos, viúva.

A maneira de se lidar com os desejos e sexualidade entre homens e mulheres é bastante diversa, e parece que com o envelhecimento, tornam-se mais evidente essas divergências. Como podemos perceber nos depoimentos das mulheres acima, a necessidade de ter relações sexuais, muitas vezes, é sublimada por meio de outras atividades cotidianas que geram prazer, como: ir ao shopping, fazer pintura, conversar com amigas, entre outras coisas. Outra possibilidade que

relatam é o sentimento de alívio de não precisarem a todo custo manter mais uma atividade sexual constante, sentem-se mais livres na velhice para ter a atitude de dizer não e dar um fim a uma relação de submissão, mas a falta de prazer e de desejo normalmente já as acompanha desde a juventude, mas permanecia “camuflada” de alguma forma (Paschoal, 2006). Não ter mais uma obrigação gera um sentimento de libertação, como pudemos verificar em um dos depoimentos. Outro fator importante que podemos notar se trata da valorização de um namoro, no sentido de buscar cuidado, companheirismo e de ter com quem “contar”. Essa característica também apareceu com frequência nos depoimentos dos homens do grupo:

“Eu acho que vivo hoje um reflexo daquilo que vivi na época da minha juventude. Eu exercitava muito a liberdade naquela época e sempre fui assim. Acho que as pessoas têm que ser livres, isso sempre foi importante para mim. Apesar de ter impotência sexual, me considero livre e tenho uma relação muito aberta e bacana com minha mulher. Conversamos muito a respeito das possibilidades e dificuldades sexuais que temos. E acho que vivo com ela a sexualidade de outra forma: conversando, sendo companheiro, um abraço, um beijo, uma palavra. Acho que a compreensão é muito importante e eu e ela consideramos muito isto”.-José, 58 anos, casado pela segunda vez.

“Hoje vivo com a minha mulher como dois amigos, abraço e beijo, mas o sexo em si, infelizmente, não tem mais, porque ela não quer, por mim, gostaria muito de ter, mas não adianta mudou muito nosso casamento. Ela só quer saber dos netos. Queria muito ter uma relação de carinho, de companheirismo, acho que isso é magnífico, mas não tenho mais, acabou. Hoje, só converso um pouco e olhe lá, bem superficialmente, nos desentendemos há tempos. Queria ter somente compreensão e carinho, já estaria muito satisfeito. Eu não encontro mais receptividade.- Rodrigo, 70 anos, casado.

“Hoje em dia eu quero muito a minha mulher, mas ela não. É um problema isso. Sei que o Viagra está aí, mas não adianta, o chamado do término da vida está por aí também, me pressionando, por mim, queria ter relações todos os dias, namorar, transar, pena que ela não quer mais. Mas não importa, pra mim, mesmo assim, ela é muito importante, gosto de estar com ela, conversar, contar as coisas...”- Rogério, 69 anos, casado.

“Estou no segundo casamento, que foi diferente, pois não tinha mais a obrigação de ter filhos como no primeiro. Achava que eu ia morrer beijando e

trepando...e só tinha esta expectativa. Nestes 20 anos meu casamento veio mudando muito, para pior, mas acho que devem existir mais de 700 motivos, mas de forma nenhuma penso que é a idade avançando. Acho que é o desgaste, a rotina, problemas sexuais, sei lá...mas não o envelhecimento...”- Sílvio, 64 anos, casado pela segunda vez.

Nos depoimentos dos homens do grupo, fica evidente a diferença com relação às mulheres. Nas quatro frases surge o desejo por ter uma vida sexual ativa, mas que é impossibilitada ora pela negação das esposas ou dificuldades no relacionamento, ora pela disfunção erétil. A partir dos estudos de Aleotti (2004), podemos verificar que para o homem há uma valorização do físico, da potência e do ato sexual. A disfunção erétil é uma questão que gera intensa preocupação para eles, pois conseguir manter uma ereção, normalmente significa a afirmação da masculinidade. As medicações que melhoram o desempenho sexual masculino nem sempre são bem vistas pelas mulheres, já que para elas não é interessante, pois não sentem desejo (às vezes nunca sentiram), e a velhice torna-se a oportunidade que esperaram a vida toda para não ter mais obrigações no campo sexual.

O que homens e mulheres concordam nas vinhetas é que tem o desejo de manter uma relação amorosa, em que possam “namorar”, no sentido de terem um companheirismo, cuidado, dividir responsabilidades, ter carinho e compreensão. Todos colocaram esses componentes como importantes para se manter a qualidade de vida na velhice, embora eles mesmos não tenham sido capazes de atualizar seus relacionamentos como alguns dos participantes do estudo de Norgren (2002), a qual identificou que casais satisfeitos vivem sua conjugalidade no eixo presente-futuro, ao passo que, os insatisfeitos vivem no eixo presente-passado, como é o caso de nossos participantes.

A imersão nestes valores mais tradicionais masculinos e femininos faz com que as mulheres realmente “percam” o interesse pela relação sexual (genital),

enquanto continuam desejando atividades que são muito mais individualizadas (ir ao shopping, fazer pintura, conversar com amigas, sair para dançar), enquanto os homens permanecem mais voltados à vida sexual, por essa ter um significado ainda muito forte de potência em todos os sentidos (Aleotti, 2004).

Torna-se importante ressaltar que a vida sexual para os nossos participantes remete-se ao casamento, sendo que o relacionamento que eles vivem ou viveram não foram suficientes para atualizar os valores de satisfação sexual e conjugal que aspiram individualmente e não como uma construção diádica.

Eles não se permitem pensar na sexualidade fora do casamento ao mesmo tempo em que neste a mulher é a responsável pela monitoria da vida cotidiana ao passo que ao homem, cabe o provimento (Hackstaff, 1999). Podemos pensar que os participantes não conseguiram atualizar um novo modelo de relação satisfatório pois, quando se referem à própria experiência, tomam consciência do pesar e da insatisfação em que a conjugalidade se encontra, e a tomada de consciência deste panorama gera enorme conflito, ainda não resolvido.

Embora possamos refletir que, com relação ao próprio envelhecimento, boa parte das soluções que os participantes indicaram são progressivas, onde conseguiram atualizar a concepção de velhice e foram capazes de definir metas, isto parece ser um percurso muito mais individual acerca do próprio envelhecimento do que um caminho interpessoal na realidade da conjugalidade.

Considerações finais

Nosso estudo foi realizado com doze indivíduos que participavam de um grupo de apoio terapêutico focado nas questões do envelhecimento e com os quais organizamos três sessões sobre o tema da sexualidade e do envelhecimento. Nesses encontros tentamos captar como a experiência sexual atual foi influenciada pelas crenças e pelos valores transmitidos ao longo da vida.

Esse trabalho nos remeteu a aspectos importantes no que se refere a essa temática, para a compreensão dos processos que ocorrem na atualidade. Foi possível identificar diferentes posições em relação ao envelhecimento: como a maioria da população, os indivíduos não consideravam a própria velhice quando na infância e na juventude, valorizando mais os aspectos positivos da juventude e menos os aspectos das perdas/negativo, remontando à idéia de Beauvoir (1990) de que velho é sempre o outro.

Com relação ao próprio envelhecimento, foi possível identificar, na maioria das vezes, soluções que chamamos de progressivas, uma vez que os participantes apresentam consciência corporal adequada e, tomam consciência da importância da seleção de metas, entre outras; embora, tenham sido identificadas soluções regressivas, estas são relativas às perdas específicas ou a posições mais depressivas, o que é compreensível considerando-se o objetivo dos indivíduos que buscam um grupo de apoio terapêutico. Mas foi possível pensar que houve uma re-significação do envelhecimento e da velhice a partir da própria experiência, quer pelo percurso individual, quer pelo efeito terapêutico da convivência de grupo.

No caso de nossos participantes, a preocupação com o corpo e com a atratividade não emerge como questão fundamental, nem para os homens (em si e

em relação a parceiras da mesma faixa etária) nem entre as mulheres, ou seja, a questão do físico (a mudança do corpo) não se mostra como um fator que aumenta ou diminui o interesse sexual de ambos.

Os indivíduos envolvidos nessa pesquisa identificaram os valores sob os quais foram educados, como na década de 1950, quando havia uma divisão rígida de papéis masculinos e femininos, bem como o critério de duração do casamento era prioritário. Eles também identificaram que algo a partir dos anos 1960 mudou de forma brusca com relação à sexualidade das pessoas, pois vivenciaram de perto o processo de busca pela liberdade sexual (décadas de 1960 e 70). Portanto, todos estavam presentes durante a ocorrência dessas transformações e, alguns participaram ativamente dessas mudanças e outros não. Mas o que eles tinham em comum foi a tomada de consciência de que havia necessidade de transformar e fazer algo com tudo aquilo que viram, viveram e experienciaram.

Alguns dos participantes têm consciência do conflito que vivem atualmente e diante desse panorama buscam a transformação, por mais difícil que esse processo seja, ao passo que outros ficam estagnados e enrijecem a esse respeito. Mas é interessante pensar que todos, bem ou mal, escolheram um caminho a ser percorrido. Nesse sentido, trata-se menos de uma questão do viés em relação à consciência de envelhecimento que eles têm, e muito mais do percurso que construíram em relação à sexualidade no casamento ou fora dele, apesar de isso não ser muito permitido no caso desse grupo, principalmente para as mulheres.

Quanto à vivência sexual, a mesma atualização de valores vista na questão da mudança corporal associada ao envelhecimento se torna menos visível ou viável. O grupo que passou sua juventude no momento histórico que se estabeleceu uma cisão entre os valores de sexualidade (sobretudo no que se refere

às mulheres e à liberação sexual), indicam uma expectativa de satisfação conjugal, mas, ao mesmo tempo, apresentam dificuldade em dar conta do desejo. Este aparece nas falas dos participantes como importante para a manutenção de uma vida saudável, mas, ao mesmo tempo, mostram que não estão dispostos, muitas vezes, a abrir mão de algo para realizá-lo. Esse fato gera conflito, mas eles se mantêm na estagnação da situação conhecida, mesmo que esta não seja satisfatória. Há então uma cristalização de expectativas e de papéis estereotipados.

O que pudemos analisar após esse período de trabalho no grupo é que de fato, um conflito importante não resolvido emerge, pois a duração deixou de ser critério para avaliar uma relação e, ao mesmo tempo, o critério de satisfação conjugal começa a surgir. Mas o ponto central é que é difícil deixar de lado (de forma tranqüila) o significado de “sucesso” de um relacionamento/casamento associado à durabilidade.

A verdade é que, a sociedade em geral, assim como nossos participantes, querem hoje tudo que está relacionado aos valores da chamada “Cultura do Divórcio” (satisfação, individualidade, liberdade etc.), como aponta Hackstaff (1999), mas não querem abrir mão daqueles valores que caracterizam a chamada “Cultura do Casamento” (durabilidade, fidelidade, presença etc.), surgindo de pronto, um impasse.

Quanto à vida sexual, esta, mesmo para aqueles participantes que se divorciaram e se casaram novamente, sempre se refere ao casamento, para o qual convergem domínios bastante separados entre masculino e feminino, o que conduz a um conflito entre o desejo de um casamento com intimidade no qual se encontra satisfação afetiva e sexual e uma realidade vivida na qual há mais perdas do que qualidade, indicando uma conjugalidade insatisfatória, onde não foi possível

atualizar os valores e a própria relação ao longo dos anos. A pesquisa de Norgren (2002) indica que os casais satisfeitos com sua conjugalidade parecem ser funcionais quando conseguem manter fortes vínculos emocionais com seu parceiro e, concomitantemente, mudam a estrutura de poder, os papéis e as regras de seu relacionamento ao longo da vida conjugal por conta de situações de crise, bem como conseguem desenvolver padrões de comunicação adequados, o que não parece ocorrer na vida conjugal de nossos participantes.

Foi possível analisar que há certa desqualificação da vida sexual entre as mulheres, quer as do nosso grupo, quer as esposas dos participantes. O desejo de vida com qualidade para as mulheres parece se direcionar para outras ações e atividades mais individuais, como: ir ao shopping, viajar, conversar com amigas, cuidar de netos etc., ao mesmo tempo que permanece o desejo de uma relação satisfatória, mas que se torna muito idealizada, logo difícil de ser alcançada. Nesse sentido, pareceram ter mais facilidade em trabalhar a imagem física e o estranhamento do novo corpo do que rever o relacionamento que implica o outro, a alteridade. Para os homens, o que fica evidente é a perda do objeto idealizado, que é o pênis. Apesar de os homens do grupo também não mencionarem uma vida sexual ativa, quer pela restrição física, quer pela falta de desejo das parceiras atuais, permanecem desejando outras metas, como: relacionamento amoroso, trabalho, desenvolvimento de habilidades etc.

É importante, para quem atende essa população, questionar seu próprio quadro de valores, pois acreditamos que a vida sexual ativa é questão fundamental para a qualidade de vida, e não foi o que emergiu em nosso trabalho. Pelo contrário, apareceram atividades e ações que podem ser tão gratificantes e satisfatórias quanto a vida sexual, segundo nossos participantes.

Quando iniciamos este trabalho, questionávamos: “o desejo envelhece?”. Ao analisarmos a fala dos participantes ao longo dessa pesquisa, pudemos refletir e chegar à conclusão de que o desejo, concebido como permanecer em processo definindo metas e objetivos, não envelhece. Mas também fica evidente todos os nossos depoentes têm mais facilidade em trabalhar com o eu do que com o nós.

O desejo no sentido sexual, converge para o casamento, e não conseguem atingi-lo não porque não o queiram, nem porque envelheceram, mas porque o casamento sexualmente satisfatório não é só uma questão de escolha certa do parceiro quando se é adulto jovem, mas produto de uma construção conjunta, contínua e conflituosa ao longo da vida adulta. E o “ficar” idealizado e desejado, o é porque alude ao descompromisso social e escolha interpessoal, indicando como o casamento os remete a uma Instituição social a se conformar, e não a um espaço de convivência vivo e em movimento.

O que os participantes não atingem não guarda relação com o próprio envelhecimento, mas é o desafio social da atualidade: um relacionamento amoroso que equilibre conjugalidade e individualidade. Para consegui-la é necessário ir além das pré-concepções e praticar, no cotidiano a construção conjunta de realidade, pois, como afirmam Berger e Kellner (1964 apud Hackstaff,1999) o casamento é “um ato dramático no qual dois estranhos se juntam e se redefinem”, e isso é trabalho a dois.

Referências

- Abdo, C.H.N.; Oliveira Junior, W.M.; Moreira, E.D.; Fittipaldi, J.A.S. (2002). Perfil Sexual da População Brasileira: Resultados do Estudo do Comportamento Sexual (ECOS) do Brasileiro. *Rev. Brás. Med.*, v.59, n.4, p.250-267.
- Aleotti, R. (2004). *Disfunção Erétil e sua teia de significados*. Tese de Doutorado, PUC- SP.
- Araújo, M.F. (1999). *Casamento e sexualidade - a revisão dos mitos na perspectiva de gênero*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, USP.
- Baltes, P. B., Reese, H.W., Lipsitt, L.P. (1980). Life-span developmental psychology. Em M. R. Rosenzweig & L. M. Porter (orgs.). *Annual Review of Psychology*, 31, 65-110. Palo Alto, CA: Annual Reviews.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Development Psychology*, 23, 611-696.
- Baltes, P.B. (1991). The many faces of human ageing: toward a psychological culture of old age. *Psychological Medicine*, 21,837-854.
- Barbieri, N. A. (2003). Trabalho com velhos - Algumas reflexões iniciais. *Revista Pulsional de Psicanálise*. Ano XVI, n. 173, setembro, p. 18-24.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bee, H. & Mitchell, S.K. (1984). *A pessoa em desenvolvimento*. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda.

- Bento, J.; Gonçalves, M. C., Prizmic, P. (2007). *Sexualidade: Autoconhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Alaúde.
- Bruns, M.A.T., Almeida, M.G. (1994). O Êxtase de Tempo Vivido: um estudo da sexualidade feminina na “terceira idade”. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 5 (1).
- Cairolí, C.E.D. (2004). Deficiência Androgênica no Envelhecimento Masculino. *Rev. Amrigs*, Porto Alegre, 48 (4): 291-299, out-dez.
- Caridade, A. (2005). Sexualidade e Envelhecimento. *Revista Kairós*. São Paulo, 8(2), dez., p.263-275.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (org.). (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- CFP. (2007). *Jornal Federal de Psicologia*. Brasília, maio.
- Ciornai, S. (1999). *Da Contracultura à Menopausa: vivências e mitos da passagem*. São Paulo: Oficina de Textos.
- Debert, G. (1998). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. Em: Barros, M.; Moraes, L. (orgs.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Denzin, N.K., Lincoln, Y. S. (1994). Entering the Field of Qualitative Research. Em: ____ (ed.). *Handbook of Qualitative Research*. United States: Sage Publications, 1994, p.2.

- Famema (2007). *Liga de Geriatria e Gerontologia*. Site da Faculdade de Medicina de Marília. <http://www.famema.br/ligas/socigg/>. Acesso em 10 set. 2007.
- Féres-Carneiro, T.(1987). Aliança e sexualidade no casamento e recasamento contemporâneo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 3 (3), 250-261.
- Feriancic, M. M. (2003). Envelhecimento e Sexualidade. *Revista Kairós*. São Paulo: 6(2), p. 133-146, dezembro.
- Fleury, H. J. (2004). Sexualidade: menopausa e andropausa. *Revista Brasileira de Psicodrama*. São Paulo: v. 12, n.2.
- Flandrin, J. L. (1983). A vida sexual dos casais na antiga sociedade: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: Áries, P.; Foucault, M. (orgs.) - *Sexualidades Ocidentais*. Lisboa, Contexto.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- González, J.J.Z.; Desfilis, E. S. (1996). Creencias sobre la madurez psicológica y desarrollo adulto. *Anales de Psicología*, 12 (1), 41-60: Universidad de Valencia.
- González, F. (1999). *La Investigación Cualitativa en Psicología: rumbos y desafios*. São Paulo: EDUC
- Guareschi, N.; Oliveira, F. P.; Giannchini, L. G.; Comunello, L.N.; Pacheco, M.L.; Nardini, M. *As relações raciais na construção das identidades*. *Psicologia em estud.* vol. 7, no.2, Maringá Jul./Dec. 2002

- Guba, G. E., Lincoln Y. S. (1994). *Competing Paradigms in Qualitative Research*. Em: Denzin, N. K., Lincoln, Y. S. *Handbook of Qualitative Research*. United States: Sage Publications, pp. 105 -117.
- Gullette, M. M. (1998). *Midlife discourse in the twentieth-century United States: Na essay on the sexuality, ideology, and politics of "middle-ageism"*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hackstaff, K, B. (1999). *Marriage in a culture of divorce*. Philadelphia: Temple, University Press.
- Hamilton, I. S. (2002). *Psicologia do Envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed.
- Hime, F. A. (2004). *A biografia feminina e a história das relações amorosas. "O vôo da fênix"*. Tese de Doutorado, PUC- SP.
- Horn,J.L., Hofer,S.M. (1992). Major abilities and development in the adult. Em: R.J.Sternberg&C.A.Bergs (Orgs.), *Intellectual development*, Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- IBGE. (2007). *Anuário Estatístico do Brasil 2006*. Rio de Janeiro.
- Jacobson,C. M. (2007). A construção da sexualidade na família e seus contextos. In: Horta,A.N.M; Feijó, M.R. *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Kamkhagi, D. (2007). *O envelhecimento como metáfora de morte: a clínica do envelhecer*. Tese de Doutorado, PUC- SP.
- King, B. M. (1996). *Human Sexuality today*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

- Krueger, J. y Heckhausen, J. (1993). Personality development across the adult life-span: subjective conceptions vs. cross-sectional contrasts, *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 48(3), 100-108.
- Kublikowski, I. (2001). A meia-idade feminina e seus significados: o olhar da complexidade. Tese de Doutorado, PUC-SP.
- Laumann,E.O.,Paik,A.,& Rosen,R.C. (1999). Sexual Dysfunction in the United States. *Journal of The American Medical Association*, 281,537-544.
- Lorenzi, D.R.S.; Saciloto,B. (2006). Frequência da atividade sexual em mulheres menopausadas. *Rev. Assoc. Med. Bras.* v. 52, n 4. São Paulo, jul/ago.
- Macedo, R. M. S. (2007). Sexualidade e Gênero. In: Horta,A.N.M; Feijó, M.R. *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Macedo, R. M. S., Kublikowski, I. (2000). O sonho da eterna juventude: percepção do envelhecimento de uma perspectiva de gênero. *Psic. Rev.* São Paulo, (10):11- 22.
- Maciel Jr., P. de A. (1999). *E agora José? Uma contribuição para o entendimento da concepção masculina de intimidade no relacionamento conjugal*, Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP.
- Mcfarland, C., Ross, M. y Giltrow, M. (1992). Biased recollections in older adults: The role of implicit theories of aging. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(5), 837-850.
- Meirelles, V. (2001). *Feminino superlativo: mulher, família e carreira*; Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP.
- Messy, J. (1992). *A pessoa idosa não existe*. São Paulo: Aleph.

- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moen, P., Wethington, E. (1999). Midlife development in a life course context. Em: L.Willis & J.D.Reid (Orgs.), *Life in the middle: Psychological and social development in middle age*. (pp.1-23). San Diego: Academic Press.
- Murano, M.D. (2007). Envelhecimento, sexualidade e contemporaneidade. In: Horta, A.N.M; Feijó, M.R. *Sexualidade na família*. São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Norgren, M.B.P. (2002). *Para o que der e vier: estudo sobre os casamentos de longa duração*. Mestrado em Psicologia Clínica. PUC-SP.
- Norgren, M.B.P.; Souza, R.M. (2004). *Relações Conjugais*. Texto não publicado para uso acadêmico. PUC-SP
- Papalia, D.E. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Paschoal, S.M.P. (2006). Envelhecimento na perspectiva de gênero. In: Côrte, B.; Mercadante, E. F.; Arcuri, I.G. (orgs.) *Masculinidades e Velhice: entre um bom e mau envelhecer*. São Paulo: Vetor, p.81-89.
- Penteado, S.R.L.; Fonseca, A.M.; Bagnoli, V.R.; Abdo, C.H.N. (2000). Sexualidade no Climatério e na Senilidade. *Rev. Ginecol. Obst.*, v.11, p. 188- 92.
- Pellegrini Jr., O. (1999). Alterações na sexualidade da mulher no climatério. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 10 (1).
- Pitelli, J. B. (1997). Sexualidade no Climatério: influências psicológicas e socioculturais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 8(2).
- Priore, M. D. (2005). *A história do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.

- Py, L. (2006). De estrelas e brilhos infinitos. *A terceira Idade*. São Paulo: SESCSP, v. 17, n.35, p.1-17.
- _____. (2004). Envelhecimento e subjetividade. Em: PY, L. et al (orgs). *Tempo de envelhecer*. Rio de Janeiro: Nau, p.109-136.
- Risman, A. (2005). Sexualidade e Terceira Idade: uma visão histórico-cultural. Em: *Textos Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Unati/UERJ, v.8, n.1, p.89-115.
- Rodrigo, M. J. (1994). Etapas, domínios, contextos y teorías implícitas en el conocimiento social. Em: M. J. Rodrigo (ed.), *Contexto y desarrollo social*. Madrid: Síntesis.
- Rodríguez, J. A. (1994). *Envejecimiento y familia*. Madrid, Siglo XXI.
- Sayão, R. (2007). Envelhecimento Invisível. *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folha Equilíbrio: 25 de outubro, p.12.
- Silva, I. R.; Gunther, I. A. (2000). Papéis Sociais e Envelhecimento em uma Perspectiva de Curso de Vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, Jan-abr, v.16, n 1, PP.31-40.
- Souza, R.M.; Ramires, V.R.R.(2006). *Amor, casamento, família e divórcio...e depois, segundo as crianças*. São Paulo, Editora Summus
- Stewart, A. J., Ostrove, J. M. (1998). Women's personality in middle age: Gender, history, and midcourse correction. *American Psychologist*, 53, 1185-1194.
- Strey, M. (1998). Gênero. Em: Jacques, M., Strey, M. et al (Orgs). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1999). Velhice e Casamento, vivência e visões. *Estudos Interdiscip. Envelhec*, Porto Alegre, v.2, p. 23-34.

Torres, W.C. (1999). Morte e desenvolvimento humano. Em: PY, L. (org). *Finitude: uma proposta para reflexão prática em gerontologia*. Rio de Janeiro: Nau, p. 55-63.

Vasconcelos, N. A. (1994). Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho. *A terceira Idade*, São Paulo, v.5, n.8, p.47-50.

Weg, R. B. (1989). Sensuality/sexuality of the middle years. Em S. Hunter, M. Sundel (Orgs.), *Midlife myths*. Newbury Park, CA: Sanford

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Ana Carolina de Oliveira Costa, psicóloga mestranda do Programa de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, estou realizando uma pesquisa com o título de “*Sexualidade e Envelhecimento: a demanda de atualização de crenças e valores*”, sob a orientação da Dra. Rosane Mantilla de Souza.

O objetivo deste trabalho é compreender a vivência da sexualidade no processo de envelhecimento. Ao aceitar participar deste estudo, você contribuirá para o desenvolvimento de pesquisas nessa área.

Sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem que esta decisão venha prejudicar seu tratamento neste hospital.

As informações oferecidas serão mantidas em lugar seguro, codificadas e a identificação só poderá ser realizada pela psicóloga Ana Carolina de Oliveira Costa.

Caso o material venha a ser utilizado para análise na minha dissertação de mestrado, não serão utilizados nomes que possam vir a identificá-lo. Se houver necessidade de contato com a psicóloga Ana Carolina de Oliveira Costa, este poderá ser feito pelo telefone: 8282-9971.

Ana Carolina de Oliveira Costa

CRP: 06/ 69353

Nome do participante: _____

RG do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Local e data: _____

When I'm Sixty-Four- Traduzida- Lennon/McCartney

Quando eu envelhecer, perdendo meu cabelo
Daqui a muitos anos
Você ainda estará me mandando um cartão no dia dos namorados ?
Cumprimentos de aniversário, garrafa de vinho
Se eu estivesse fora até quinze para as três
Você trancaria a porta ?
Você ainda precisará de mim ?
Você ainda me alimentará ?
Quando eu tiver sessenta e quatro anos
Você estará mais velha também
E se você disser a palavra
Eu poderia ficar com você
Eu poderia ser útil consertando um fusível
Quando suas luzes se estragarem
Você pode fazer um casaco de tricô na frente da lareira
Manhã de domingo sair para um passeio
Aparando o jardim, eliminando as ervas daninhas
Quem poderia esperar por mais
Você ainda precisará de mim ?
Você ainda me alimentará ?
Quando eu tiver sessenta e quatro anos
Todo verão nós podemos alugar um chalé
Na Ilha de Wight, se não for muito caro
Nós podemos economizar, juntar dinheiro
Netos no nosso joelho
Vera, Chuck e Dave
Mande-me um cartão-postal, escreva uma linha
Expressando seu ponto de vista
Explique precisamente o que você quer dizer
Com sinceridade

Dê-me sua resposta, preencha em um formulário

Minha para sempre

Você ainda precisará de mim ?

Você ainda me alimentará ?

Quando eu tiver sessenta e quatro anos

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)